



A
pontuação em
manuscritos
medievais
portugueses

Américo Venâncio Lopes Machado Filho



A pontuação em manuscritos medievais portugueses



Universidade Federal da Bahia

Reitor

Naomar de Almeida Filho

Vice Reitor

Francisco José Gomes Mesquita



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia M. Garcia Rosa

Conselho Editorial

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Carmen Fontes Teixeira

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Fernando da Rocha Peres

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Sérgio Coelho Borges Farias

Suplentes

Bouzid Izerrougene

Cleise Furtado Mendes

José Fernandes Silva Andrade

Nancy Elizabeth Odonne

Olival Freire Junior

Sílvia Lúcia Ferreira

ANPOLL

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

DIRETORIA

Presidente

José Niraldo de Farias

Vice-Presidente

Belmira Rita Costa Magalhães

Secretária Executiva

Célia Marques Telles

Secretária Suplente

Vera Lúcia Romariz Correia de Araújo

Tesoureira Executiva

Sheila Diab Maluf

Tesoureira Suplente

Ildney de Souza Cavalcante

CONSELHEIROS

LETRAS

Titulares

Laura Cavalcante Padilha

Maria do Socorro Simões

Marisa Lajolo Regina Zilberman

Suplentes

Ivia Iracema Duarte Alves

Maria Zaira Turchi

Maria Zilda Cury

Teresa Cristina Cerdeira da Silva

LINGÜÍSTICA

Titulares

Esmeralda Vailati Negrão

Freda Indursky

José Luiz Fiorin

Maria da Graça Krieger

Suplentes

Célia Maria Coelho de Brito

Leci Barbisan

Nelly Medeiros de Carvalho

Neusa Maria Barbosa Bastos

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

A pontuação em manuscritos medievais portugueses

Prêmio anpoll 2002 de Lingüística - menção honrosa

EDUFBA
2004

©2004 by Américo Venâncio Lopes Machado Filho
Direitos para esta edição cedidos à Editora da
Universidade Federal da Bahia.
Feito o depósito legal.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios
empregados, a não ser com a permissão escrita do autor e da editora, conforme a
Lei nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Projeto Gráfico e editoração

Josias Almeida Junior

Capa

Josias Almeida Junior

Detalhe na contra-capa: *Flos Sanctorum*, documento do Séc. XIV

Revisão

O autor

M149 Machado Filho, Américo Venâncio Lopes.
A pontuação em manuscritos medievais portugueses / Américo Venâncio Lopes
Machado Filho. - Salvador : EDUFBA, 2004.
129 p. : il., gráfs., tabs.

ISBN 85-232-0321-4

1. Língua portuguesa - Pontuação. 2. Manuscritos medievais - Portugal. 3.
Manuscritos portugueses. 4. Língua portuguesa - Sintaxe. I. Título.

CDU - 811.134.3'367(0.032)(469)
CDD - 415

EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina

40170-290 Salvador Bahia

Tel: (71) 3283-6160/6164

edufba@ufba.br www.edufba.ufba.br

Ca o *que* bõõ he. *quando* muytas cousas ouve sempre guarda e escolhe as melhores de *que* sse possa ajudar *quando* lhi for mester.

(Livro das Aves – II, 11-14)

Para Silvana, Lis e Nuno.

Sumário

Prefacio	11
Apresentação Prêmio Anpoll	15
Apresentação	17
Língua escrita e língua falada: o contexto da pontuação	23
Pontuar?	33
A pontuação latina	45
A Pontuação medieval: trabalhos precedentes	55
O material analisado	63
O olhar sobre os dados	69
Os resultados	77
Conclusões	113
Referências bibliográficas	121

Prefácio

Não pode deixar de ser com grande alegria que vejo tornar-se *livro* mais uma dissertação de Mestrado de um meu orientando. Indicada pelo Colegiado de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia para concorrer ao prêmio, na categoria Mestrado, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), do ano de 2002, a Comissão para tanto escolhida, embora não tenha lhe concedido o primeiro lugar, concedeu-lhe *Menção Honrosa*, tendo à frente a professora doutora Maria Emília Barcellos da Silva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse fato facilitou a publicação da *dissertação*, defendida e aprovada com *Distinção*, uma vez que a conjunção da EDUFBA e da ANPOLL permitiu a divulgação desse difícil e raro trabalho para um público mais amplo.

Por que adjetivo esse trabalho de “difícil” e “raro”?

“Difícil”, porque só quem lida com manuscritos medievais portugueses sabe como se fazem necessários inteligência, dedicação e boa visão para divisar a escrita gótica francesa, corrente nos documentos remanescentes do período medieval ou arcaico da língua portuguesa, que, nesse tempo, representam e retêm na sua escrita a voz que por trás se oculta.

“Raro”, porque, se olharmos as *referências bibliográficas* da *Dissertação / Livro*, constituídas no total de oitenta e oito itens bem selecionados, apenas sete tratam especificamente da *pontuação*, desses sete, apenas quatro se concentram em manuscritos

medievais portugueses (Ferreira, 1987; Martins, 1986; Mattos e Silva, 1993; e Machado Filho et al., 1998).

Foi, exatamente, a *monografia* de conclusão da disciplina do Mestrado, que Américo Venâncio Lopes Machado Filho e mais três colegas realizaram sobre as duas versões conhecidas do *Testamento de Afonso I* – primeiro texto oficial e régio em língua portuguesa, datado de 1214 –, o ponto inicial de Machado Filho para observar, refletir e apresentar resultados convincentes sobre *Hábitos de pontuar na Idade Média portuguesa*, título que nosso autor deu à *Comunicação* que apresentou no IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, realizado em Belo Horizonte no ano de 2001 e publicada nos seus *Anais* em 2003, às páginas 482-489.

O *Livro* que prefacio é constituído da *Apresentação* e das seguintes partes: *Língua escrita e língua falada: o contexto da pontuação, Pontuar?, A pontuação latina, A pontuação medieval: trabalhos precedentes, O material analisado, O olhar sobre os dados, Os resultados e, por fim, suas Conclusões*. Apresenta, ainda, na *Dissertação* cinco *Apêndices* (A. Edição paleográfica de [Vida de Santa Pelágia]; B. Edição paleográfica de [Vida de São Simeão]; C. Glossário dos sinais de pontuação mais recorrentes; D. Levantamento geral das ocorrências de sinais de pontuação e E. Correspondências gráficas digitais de alguns sinais detectados). Enumerei os *Apêndices*, uma vez que não constarão do *Livro*. No *Livro*, contudo, estão os nove *quadros* e os oito *gráficos* que compõem o trabalho. Desses *quadros* destaco o primeiro, porque reúne os sinais de pontuação detectados no *corpus* analisado e sua frequência nos manuscritos que Machado Filho analisou.

O *corpus* analisado é constituído dos textos seguintes: a *Vida de Santa Pelágia* e a *Vida de São Simeão*, a partir da edição paleográfica do autor e fazem parte do *Flos Sanctorum* que, na sua completude, editou duplamente (edição paleográfica e edição interpretativa), edições que são parte de sua tese de Doutorado, defendida, aprovada com distinção e recomendação para publicação, em fevereiro do corrente ano; das três versões medievais conhecidas dos *Diálogos de São Gregório*; das duas versões já

referidas do *Testamento de Afonso II* e do *Livro das Aves*. Note-se que o *Livro das Aves*, o *Flos Sanctorum* e a versão A dos *Diálogos de São Gregório* compõem os hoje chamados Manuscritos Serafim da Silva Neto, porque pertenceram ao grande filólogo-lingüista brasileiro e, depois da sua morte, foram comprados pela Universidade de Brasília e hoje estão no acervo de sua Biblioteca Central. Esses manuscritos Machado Filho pôde consultar diretamente nessa Biblioteca. Os demais foram analisados a partir de fotocópias. Vale assinalar que os Manuscritos Serafim Da Silva Neto são os únicos manuscritos medievais portugueses existentes no Brasil. Essa raríssima jóia deverá ser preservada com todos os cuidados que a técnica moderna permita. É o que almejo!

Mesmo dispondo dos três manuscritos em pergaminho antes referidos, um deles – o do *Livro das Aves* em adiantando estado de fragmentação – Machado Filho adverte logo à *Introdução*:

(...) se se considerar a própria tenuidade visual que os sinais de pontuação imprimem à mancha do texto, nomeadamente quando se trata de fotocópias simples, julgou-se mais próprio trabalhar-se, quando possível, com mais de uma reprodução de cada um dos documentos, servindo-se de cópias de maior precisão gráfica, como os resultantes de textos digitalizados.

Faço esse destaque, porque, no início deste *Prefácio* digo que, entre outras capacidades, faz-se necessário ter “boa visão” para o objeto de estudo escolhido por Machado Filho.

A possível assistemática da pontuação nos manuscritos medievais se revela quando se lê nas introduções críticas de textos medievais, entre os critérios do editor, aquele em que anuncia que pontuará o texto “à moderna”, ou seja, seguindo a norma da atualidade, em que se tem uma pretensa pontuação “lógico-gramatical”. Machado Filho sintetiza o objetivo de sua pesquisa:

(...) conhecer os elementos lingüísticos que interferiam e condicionavam o uso da pontuação em manuscritos medievais em língua portuguesa, assim como demonstrar sistematicamente as possíveis relações entre os elementos detectados e sua regularidade de uso.

A seguir aos *resultados*, diz, em síntese minha, nas *Conclusões*, que a pontuação medieval refletia, ao mesmo tempo, características sintáticas, já então adotadas, e aspectos prosódicos porque a língua oral deveria refletir no ato de escrever, uma vez que possibilitaria a condução da leitura em voz alta para uma audiência, em geral analfabeta. Assim se conjugavam uma tendência lógico-gramatical e outra associada à língua falada.

Não poderia deixar de ser com alegria que faço esse *Prefácio*. O *Livro* de Américo Venâncio Lopes Machado Filho revela uma vocação, que não direi inata, mas natural, para os estudos filológicos e lingüísticos e ainda como Professor (com P maiúsculo), daquele tipo que, não só pelo rigor, mas, sobretudo, pelo saber, seduz os seus alunos na direção daquilo que ele faz, mas, principalmente, no que os seus alunos pretendem fazer.

Como acho que um *Prefácio* deve ser breve, estaciono por aqui e convido o *Leitor* a viajar pelo passado da língua portuguesa, conduzido por Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

Salvador, 03 de abril de 2004

Rosa Virgínia Mattos e Silva
ILUFBA/CNPq

Apresentação Prêmio Anpoll

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística publica, mais uma vez, o Prêmio ANPOLL, a dissertação que obteve a menção honrosa em 2002, de Américo Venâncio Lopes Machado Filho, intitulada *A Pontuação em manuscritos medievais portugueses*, orientada por Rosa Virgínia Mattos e Silva do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA. A decisão de publicar tal trabalho deve-se à colaboração da Editora da Universidade Federal da Bahia que, ao tomar conhecimento de que um dos trabalhos produzidos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA fora agraciado com a Menção Honrosa do Prêmio ANPOLL, deliberou publicá-la, com o apoio da ANPOLL.

Mais uma vez deve ser lembrado o que afirmou Eduardo Guimarães, ao publicar o primeiro livro do Prêmio ANPOLL. Para este pesquisador A ANPOLL, como Associação que reúne os programas de pós-graduação em Letras e Linguística, tem no prêmio que leva o seu nome, uma atividade cuja objetivo é ressaltar os trabalhos desses programas que, além de refletir o desenvolvimento teórico e metodológico desses campos do conhecimento, são decisivos para a produção do saber nessas áreas cruciais para a cultura brasileira,

Como ressaltou Laura Cavalcante Padilha, a publicação de mais um Prêmio ANPOLL vem comprovar a qualidade dos trabalhos produzidos na área. Tem sido com muito esforço que

a ANPOLL vem publicando as teses e dissertações premiadas. Como já foi mencionado acima, esta publicação só foi possível graças aos trabalhos conjugados da Editora da UFAL, dirigida por Sheila Diab Maluf, e da Editora da Universidade Federal da Bahia, dirigida por Flávia Goulart, hoje presidente da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU). Esse esforço, além de reduzir custos, serviu para revelar a qualidade do trabalho de publicação das editoras das duas universidades envolvidas com a atual gestão da ANPOLL.

A atual diretoria da ANPOLL congratula-se com o autor premiado, com a sua orientadora e com o Programa de Pós-Graduação onde foi produzido o trabalho, esperando que a ANPOLL possa continuar a publicar tais resultados.

José Niraldo de Farias
Presidente da ANPOLL

Apresentação

Enveredar, hoje, pelo estudo lingüístico de originais ou fac-símiles dos primeiros documentos escritos em português, visando a um estudo que eleja a pontuação como interesse precípua de enfoque, é deparar-se, comumente, com uma limitada bibliografia sobre o assunto, nomeadamente em relação ao período arcaico da língua.

Alvo, por ora, de poucos trabalhos analíticos pormenorizados, a pontuação em manuscritos desse período é, por vezes, entendida como aleatória ou arbitrária, mesmo porque se possa considerar que restassem subjacentes aos escribas “*estratégias e táticas* próprias (...) para alcançar os objetivos finais dos textos que produziam”, conforme adverte Mattos e Silva (1993a:84).

João de Barros, um dos primeiros gramáticos da língua portuguesa, em 1540, dizia sobre a pontuação (1971[1540]:387):

Hũa das cousas prinçipaes da orthografia, pela quál entendemos a escritura: e o apontár das partes e clausulas e em que os latinos mostraram muita diligência. Esta nam temos nós, principalmente na letera tiráda, sendo cousa que importa muito, porque as uezes fica a oraçam amfibologica sem eles, donde nadem duuidas.

Essa colocação, entretanto, permite a inferência de que, mesmo que se manifestasse naquele momento da língua — em que se implementava sua normatização — um certo grau de “indiligência” do pontuar em vernáculo — adversamente à maestria dos latinos acima sugerida, não se pode, sem uma observação baseada num *corpus* representativo, em que se avaliem

esquemáticamente todas as ocorrências, descartar a possibilidade de, àquela altura, já existir uma tendência sistêmica de pontuação em língua portuguesa, que, ainda que incipientemente, poderia de alguma forma coexistir com essa pouca diligência no pontuar de que nos fala Barros. Por conhecerem, provavelmente também, o latim, os escribas daquela época poderiam, de certa forma, adaptar ao vernáculo condicionamentos ou prescrições herdados da pontuação latina.

Ferreira (1987:339) considera que “muitas afirmações respeitantes à pontuação medieval e ao valor e significado dos seus sinais não assentam em bases sólidas nem em estudos sérios, sistemáticos e regulares, pelo contrário, são proferidas, a maior parte das vezes, sem qualquer fundamento”.

Recentemente, ao defender sua tese de doutoramento, sobre a pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas, centrada na produção editorial de Valentim Fernandes, um impressor de origem germânica, que estabeleceu seu officio, em Lisboa, entre 1495 e 1518, imediatamente anterior, portanto, à edição da *Grammática da língua portuguesa* de João de Barros, Rosa (1994) conclui pela existência de uma sistematização de emprego da pontuação no período analisado, a que atribui, em suma, diversos graus de vinculação, continuidade e descontinuidade entre os elementos do texto, conquanto chegue a admitir que “para os vernáculos de algum modo era mais simples ou empobrecida, se comparada às diversas pontuações manuscritas em uso, voltadas para o latim” (Rosa, 1994:115).

Admite, entretanto, que “épocas diferentes podem apresentar realizações de pontuação diferentes (bem como diferenças em outros aspectos ortográficos)” (Rosa, 1994:27). É enfim a língua um processo, em eterna adequação às necessidades de expressão e registro de seus utentes, consoante seu momento histórico.

A esse propósito, ao se falar em momento histórico, não se poderia deixar de delimitar a abrangência temporal do que se considera período arcaico da língua portuguesa.

Sabe-se que os fatos lingüísticos não caem em desuso de forma repentina. Eles evoluem e transformam-se, às vezes dissociadamente — ou como aponta Benveniste (1968:85): “Not all categories change in identical fashion, still less simultaneously”¹, tornando assim assaz delicado caracterizar com propriedade absoluta os períodos de uma língua.

Mattos e Silva (1994:273) afirma que, “para uma definição/delimitação rigorosa do período arcaico, faz-se necessário, ainda, um estudo sobre um *corpus* único, cronologicamente seriado”.

Preludia, entretanto, nesse mesmo estudo, a sistematização de um elenco de fatos lingüísticos, peculiares aos primeiros momentos da língua, rastreando suas ocorrências pelos séculos subsequentes até seu provável anacronismo.

Nesse sentido, demonstra que enquanto alguns aspectos têm sobrevida funcional mais longa, chegando a atingir o século XVI (e aí se poderia considerar, com a devida reserva, que Rosa (1994) estaria trabalhando, como parece provável, nos confins do período arcaico), outros desaparecem mesmo ainda no século XIV.

Mattos e Silva (1989:38) atenta ainda para o fato de que alguns filólogos, mesmo impressionisticamente, mas fundamentados em suas vivências e contato com textos medievais, “propõem, em geral, duas sincronias para a fase arcaica, que se limitam por uma data, a da batalha de Aljubarrota”.

Então, se se considerar esse fato histórico como artifício taxionômico para definição das duas sincronias do período arcaico, considerando ainda que de certa forma o período posterior, ou seja, a segunda sincronia, tenha sido observado por Rosa (1994) e mais recentemente — mas com enfoque eminentemente paleográfico, por Martins (1996), acreditou-se ser mais fundamentalmente instigante e meritoriamente importante restringir a apenas à primeira sincronia a delimitação temporal do *corpus*, retrocedendo-se desde 1385, ou por volta dessa data, aos primeiros documentos em vernáculo a avaliação científica do fenômeno.

Atualmente no Brasil, apenas o Setor de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Brasília possui manuscritos originais, que remontem a esse período. Dispõe em seu acervo de três documentos, que foram adquiridos à família do professor Serafim da Silva Neto, dois dos quais — o *Livro das Aves* e os *Diálogos de São Gregório*, encontram-se devidamente digitalizados, ou seja, copiados por meios informatizados, e já dispõem de edições críticas cuidadas, elaboradas respectivamente por Rossi et al., em 1965, e Mattos e Silva, em 1971. O outro documento manuscrito é um *Flos Sanctorum* — recentemente editado por Machado Filho (2003).

Para Mattos e Silva (1989:67), os três documentos “certamente se originam de um mesmo tempo e lugar, provavelmente de um mesmo *scriptorium*, até agora não identificado”, o que autoriza a utilização desses manuscritos como *corpus* basilar desta investigação.

Outrossim, intenta-se ainda incluir na composição do *corpus* de análise as duas outras versões, até o momento conhecidas, escritas em português, dos *Diálogos de São Gregório*, assim como as duas versões até hoje descobertas do *Testamento de Afonso II (1214)*, na condição de manuscrito datado mais antigo, escrito em língua portuguesa, sobre os quais se apresentarão mais detalhes adiante.

Esses documentos parecem, portanto, constituir uma amostragem representativa para avaliação da “linguagem pontuacional” do período em questão.

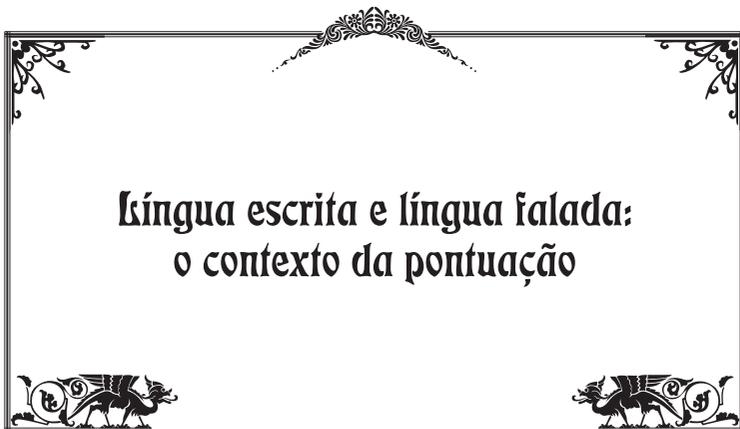
Ademais, se se considerar a própria tenuidade visual que os sinais de pontuação imprimem à mancha de um texto, nomeadamente quando se trata de fotocópias simples, julgou-se mais próprio trabalhar-se, quando possível, com mais de uma reprodução de cada um dos documentos, servindo-se de cópias de maior precisão gráfica, como as resultantes de textos digitalizados — no caso do *Livro das Aves* e do manuscrito A dos *Diálogos de São Gregório*², cópias fotografadas e microfilmadas do *Flos Sanctorum* e reproduções fotográficas de todas as três versões dos *Diálogos de São Gregório*.

É em suma objetivo desta pesquisa conhecer os elementos lingüísticos que interferiam e condicionavam o uso da pontuação em manuscritos medievais em língua portuguesa, assim como demonstrar sistematicamente as possíveis relações entre os elementos detectados e sua regularidade de uso.

O resultado desta investigação poderá servir como elemento de referência sincrônico para configuração diacrônica posterior de uma gramática do português, nos passos da constituição histórica da nossa língua, assim como suporte teórico para elaboração de trabalhos de cunho filológico, voltados a edições críticas de manuscritos dessa fase do vernáculo.

¹ Trad.: “Nem todas as categorias mudam de maneira idêntica, ainda menos simultaneamente”.

² Manuscrito Serafim da Silva Neto.



Língua escrita e língua falada: o contexto da pontuação

Para Antônio Houaiss (1983:90) é a história da pontuação “uma lenta conquista”.

Uma conquista gradual, da deriva de um perfil basicamente melódico — diretamente atrelado à prosódia da língua falada, para um sentido associado ao padrão lógico-gramatical imposto pela língua escrita.

Essa deriva da pontuação, traduzida por Houaiss como “conquista”, parece sugerir conceitos de valor e de peso distintos para cada uma das modalidades da língua.

Sem se negar à lógica o lugar de relevo na atividade intelectual humana, atribuir-se ao caráter gramatical da língua escrita o papel de fulgor de estágio de evolução da língua falada — mesmo que, aqui, restrita à questão da pontuação, incita a retomada de uma discussão que talvez ainda não se tenha concluído na lingüística contemporânea: a hegemonia que uma ou outra modalidade tem granjeado no âmbito dos estudos lingüísticos. Ademais, o grau de relação e interdependência que ambas comportam entre si é outra questão a ser, hoje ainda, mais profundamente investigada.

Até que ponto, então, a organização da língua falada, nomeadamente suas características prosódicas, como entonação e pausa, por exemplo, não se alicerçaria na mesma condição lógica, a que se submeteria a língua escrita?

Seria a pontuação meramente uma transmutação histórica de aspectos oriundos da fala que se teriam, sistematicamente, reanalisado e recodificado, dissociando-se, por fim, completamente da sua base generativa, até transformar-se em elemento auxiliar exclusivo de indicação da sintaxe e da lógica gramatical da língua escrita? Ou serviriam esses sinais de pontuação não apenas para indicação dessa lógica da língua escrita, mas, concomitantemente, para marcação de características próprias à língua falada que o utente da língua não conseguiria isolar completamente no ato da construção textual?

Nesse sentido, não estaria, pois, essa “conquista” menos diretamente associada a aquisição de um caráter lógico-gramatical — já que este seria também imanente à língua falada, mas mais provavelmente relacionada à especialização dos mecanismos de transcodificação da língua escrita sobre os aspectos que, na língua falada, estariam correlacionados ao fenómeno da pontuação?

Câmara Jr. aponta que com a invenção da escrita surge “uma nova atitude social que faz com que o pensamento humano focalize, com atenção, as maneiras como falamos como também os mecanismos da linguagem” (1986:09).

A língua passa, então, do estágio fugidío, que lhe era característico em função do próprio aspecto temporal da fala, para uma condição mais indelével de expressão espacial materializada, o que de certa forma teria, mais vivamente, possibilitado o despertar do interesse pela observação, por parte dos estudiosos, de fenómenos lingüísticos extemporâneos.

Nessa perspectiva, quando primeiramente se implementa o estudo da linguagem em termos científicos, no século passado,



os documentos escritos formavam a fonte original, a cepa principal de todas as suas pesquisas, conquanto merecesse a fonética histórica muito de toda a atenção.

Com o advento da dialetologia, que teve na França a figura de Jules Gilliéron como uma das principais balizas, voltam-se, então, os interesses da ciência da linguagem para a fala. O pesquisador da língua “em vez de ter que recorrer aos textos antigos de fases passadas extintas (...) focaliza os aspectos vivos, contemporâneos, da língua apreendendo as formas lingüísticas no intercâmbio oral”, conforme aponta Câmara Jr., em sua *História da lingüística* (1990:102).

O estruturalismo proposto por Saussure, por seu turno, ascende a uma dicotomia entre a fala — enquanto discurso, e a língua — enquanto sistema. Essa oposição conceitual, todavia, sobrepujava qualquer relevância da questão sobre as fontes dos dados lingüísticos. Antes, parecia preocupar-se com a elaboração de uma teoria lingüística que assegurasse o reconhecimento de uma ciência da linguagem *per se*.

Mas é, em suma, conforme adverte Kato (1986:10), “pregando a primazia do estudo da linguagem oral, para se opor à gramática tradicional, cuja concepção de língua era a que provinha da linguagem literária”, que surge, enfim, a lingüística moderna.

Não se pode perder de vista, entretanto, que a lingüística, na condição de ciência relativamente nova, cujas bases teóricas ainda se estão por aprimorar, tem ainda muito a percorrer na busca de um modelo de investigação que consiga dar conta de todos os fenômenos da língua.

David Lightfoot (1999:x) afirma em um de seus últimos trabalhos:

The study of language is still in its infancy, and many of our ideas are quite crude. Yet certain things are now understood well, better than in the



nineteenth century. Other things are within range of being understood (...).³

E nessa eterna procura pela apreensão e compreensão dos fatos lingüísticos, tem-se constantemente alternado o foco em prol de uma ou outra modalidade de língua como fonte original de pesquisa.

Mesmo no estudo científico da pontuação, língua falada e língua escrita têm sido sistematicamente distanciadas.

Há poucos anos, num trabalho de grande valor lingüístico sobre a pontuação, já anteriormente mencionado, Rosa (1994) dedica algumas páginas de sua tese à defesa de que a pontuação seria um mecanismo próprio da língua escrita, não exibindo, portanto, segundo ela, qualquer relação com a fala.

Mas será que língua oral e língua escrita se tenham dissociado tão profundamente uma da outra, a ponto de seus mecanismos auxiliares de construção sintática não exibirem qualquer correlação funcional?

É proposta deste trabalho que não parece possível se atribuir à língua escrita um caráter exclusivamente impermisto face à língua oral, especificamente no tocante à pontuação.

Existem, indiscutivelmente, vínculos entre as duas modalidades expressivas (mesmo porque a escrita é procedente da língua falada), que não podem ser relegados na observação científica de alguns fenômenos da linguagem. A pontuação é um deles.

Para Kato (1986:20), “as diferenças formais normalmente observadas entre a fala e a escrita nada são do que diferenças acarretadas pelas condições de produção e de uso da linguagem”. E mesmo tendo sido a escrita recentemente definida como “uma flor de plástico” (Bagno, 1999:54), por não poder representar fidedignamente a língua oral, ainda assim, não tenha deixado de um dia ser uma *flor do Lácio*.



Fala e escrita são, ainda segundo Kato (1986:10), “parcialmente isomórficas”, tendo cada uma, a seu tempo, tentado representar a outra, mesmo que incompletamente. Completa ou não, a relação existe.

Em seu *Dicionário de lingüística e gramática*, Câmara Jr. (1956:165) define pontuação como “sistema de sinais gráficos destinado a indicar na escrita uma pausa (v.) da linguagem oral”, associando dessa forma, diretamente, um aspecto da fala à realização da língua escrita.

Até que ponto, então, considerando-se essa ótica, pontuação e língua oral não estariam diretamente vinculadas na representação do texto escrito? Seria a representação da pausa da língua falada, como aponta Câmara Jr., uma função — ou princípio, como alguns preferem chamar, a que se subordinaria o sistema de pontuação?

Em seu *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*, Bergström & Reis (1990:113) conceituam pontuação como “*notações sintáticas*” que “servem para auxiliar a leitura e clareza do discurso escrito”. Adiante, (1990:114) ao definirem a vírgula, afirmam existirem “duas espécies de virgulação: uma que obedece às exigências auditivas, outra que se faz dentro da lógica gramatical. A primeira, quase sempre, desrespeita a sintaxe, enquanto a segunda é mais rigorosa”.

Embora a construtura teórica desses autores não se alicerce sobre as bases científicas da Lingüística — por se tratar, obviamente, de um trabalho de cunho eminentemente normativo, suas observações, ao menos curiosas, parecem reforçar a idéia de um certo grau de interdependência entre as duas modalidades da língua, explicitado pelo papel de elemento limítrofe, entre elas, que a pontuação parece, a princípio, comportar.

Vanoye (1996:42) acredita que a pontuação é outro recurso de que a língua escrita dispõe “para transcrever certas características da língua falada”, embora proponha que língua escrita



e língua falada não tenham “as mesmas formas, nem a mesma gramática, nem os mesmos ‘recursos expressivos’” (1996:39), o que não se tem aqui pretendido negar. Ambas têm, é certo, características próprias, idiossincráticas, que poderiam ser sistematicamente destrinchadas. Mas possuem, também, pontos confluente.

É em que demonstra pensar Catach (1996b:255) ao afirmar que a “noção de ‘autonomia’ possível dos acessos aos dois tipos de comunicação [parece] (...) ser incontestável e constituir um falso problema”. Mas outros estudos têm apontado algumas considerações importantes, que se devem assinalar.

Para Rey-Debove (1996) escrita e fala poderiam ser comparadas, a partir de sua forma e de sua substância, em quatro níveis distintos: da substância de expressão (letra : som); da forma de expressão (grafema : fonema); da forma de conteúdo (significante oral : significante escrito) da substância do conteúdo (situações pragmáticas do oral : situações pragmáticas do escrito), mas na transcodificação de um sistema para outro as diferenças entre ambas seriam muito mais tênues e insuficientes para uma caracterização absoluta, ao ponto de essas diferenças serem reduzidas ao mínimo e as noções de língua falada e língua escrita se interpenetrarem.

Mas é uma observação final dessa pesquisadora quanto à questão do “*corpus* utilizado para o estudo da língua escrita” (1996:83) que faz com que se possa, talvez, melhor fundamentar a relação que língua escrita e língua oral exibem entre si, através da pontuação, por aquela expressa.

Eis o que diz a autora:

Um *corpus* escrito qualquer não pode convir: é preciso, em primeiro lugar, afastar a linguagem transcrita e estar atento aos exemplos concretos dados em função de uma descrição da língua oral ou da língua escrita (1996:83).



E mais adiante:

Todos os enunciados escritos e orais estão intimamente misturados e sua autenticidade nunca é certa; só existem fortes presunções. A maioria dos caracteres que consideramos como específicos do escrito são encontrados no oral e vice-versa. (1996:83-84).

Ora, se se partir do pressuposto que esses cuidados, tão bem explicitados pela autora, são realmente necessários para a boa consecução de um investigação descritiva sobre a língua oral ou sobre a língua escrita, pode-se, com certa propriedade, inferir que o grau de imbricação de uma modalidade sobre a outra poderia comprometer uma melhor análise, caso esse aspecto não fosse, devidamente, considerado.

É de se ressaltar que essa consideração não procura invalidar o caráter distintivo e autônomo que cada uma dessas variedades comportam isoladamente, mas antes busca ampliar a dimensão com que o pesquisador tem que trabalhar, para oferecer uma interpretação mais rigorosa de qualquer fenômeno que tenha como fonte de investigação os elementos disponibilizados por quaisquer dessas fontes, que no presente trabalho restringe-se ao texto escrito, mais especificamente a manuscritos, e mais ainda a um aspecto extremamente controverso que é o fenômeno da pontuação.

Nesses termos, um estudo dirigido à análise de material escrito deveria dar atenção tanto aos aspectos porventura emanantes da língua falada — que podem ser perfeitamente observados a partir de uma avaliação acurada do *corpus*, quanto às características próprias da língua escrita que se tem como escopo, sem, entretanto, furtar a atenção a aspectos confluentes a ambas as variedades lingüísticas que de alguma forma se explicitem no texto.

Em trabalho recente publicado sobre sua tese de doutoramento, Chacon (1998), ao buscar demonstrar a existência de um ritmo próprio à escrita, representado pelos sinais de



pontuação, conclui que “embora dialogando com a oralidade, a escrita é um outro código de expressão verbal, com relativa autonomia em relação ao oral” (1998:138), não sem antes afirmar que “os sinais de pontuação trazem para a escrita (embora nem sempre de forma direta e automática) aspectos da dimensão oral da linguagem” (1998:135).

Essa autonomia, também acima defendida por Catach (1996b), deve ser, no entanto, interpretada como relativa — assim como quase tudo precisa ser relativizado.

Como o próprio Chacon parece admitir a pontuação estaria mais diretamente condicionada às estratégias de produção e às funções a que se destine o texto, visão essa também consoante à de Kato (1986), conforme se pôde observar anteriormente.

Ademais, ao se servir do termo “diálogo”, o autor deixa entrever que não se pode descartar sempre algum grau de interferência da língua falada sobre a escrita.

A avaliação de seu *corpus* é exemplo disso. Diversos são os exemplos, em que unidades rítmicas de caráter não-sintático, mas com um nítido contorno prosódico, se evidenciam nas redações por ele compiladas.

É certo que na fala, o locutor, sujeito à sua capacidade de memória, constrói o enunciado pautado numa sintaxe entrecortada e improvisada. Mas na escrita, pela possibilidade de os elementos poderem ser posteriormente reanalisados e reestruturados sintaticamente, o que se espera, normalmente, é que o autor do texto procure demonstrar graus de continuidade e descontinuidade lógicos, que a tradição escrita tem procurado historicamente normativizar. E é isso que se tem, conseqüentemente, buscado encontrar nos estudos que propõem avaliar o fenômeno da pontuação, a partir de uma perspectiva lingüística: uma tendência lógico-gramatical da pontuação, diretamente relacionada com a língua escrita.

Mas não é apenas essa lógica gramatical que se pode sempre observar nos exemplos apresentados por Chacon em seu



livro, ou em diversos outros exemplos que a experiência eventualmente apresenta. Assim como não é real que isso se tenha passado integralmente, por exemplo, em documentos medievais portugueses — ao menos pelo que se pode avaliar a partir das considerações, por vezes impressionísticas, mas também baseadas na experiência profissional, que muitos autores de estudos filológicos publicaram sobre a questão.

Pelo que se tem perseguido demonstrar, até aqui, aproximar a escrita da fala não significa adotar “uma crença ingênua em uma identidade entre o oral e o escrito”, como diria Desbordes (1996:23) ao inocentar os primeiros lingüistas de tal posicionamento, mas atribuindo a muitos outros pesquisadores contemporâneos essa posição.

Ao contrário. Ao aceitar a relativa autonomia tantas vezes propugnada por diversos teóricos da lingüística da escrita, não perder, sobretudo, de vista que alguns fenômenos da língua, pelo seu próprio caráter indefinido de representação, não podem ser devidamente interpretados, senão a partir de uma atitude que privilegie a língua enquanto um sistema, que comporte modalidades, e que cada uma dessas modalidades comporte variação, para que se possa, enfim, denunciar ou descrever esse fenômeno sem se distanciar tão profundamente da realidade.

Gleason Jr. (1985:457) admite que é “a pontuação que marca a sintaxe, e está fundamentada num certo tipo de estrutura sintática”. Acredita ainda que num experimento em que se introduza um sistema de pontuação de uma língua européia, por exemplo, numa nova língua escrita, os “padrões utilizados pela linguagem oral podem ser bastante diferentes”, fazendo com que as conseqüências pudessem ser “mais sérias do que acarretar o favorecimento de certas construções perfeitas naturais em detrimento de outras”.

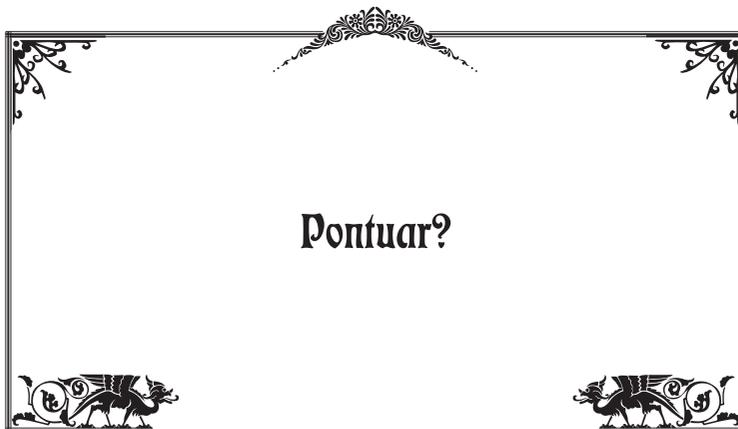


Não seria, pois, possível se pensar numa influência da língua oral sobre a escrita, a partir das considerações de Gleason Jr.?

Ampliar essa discussão é o objetivo seguinte.

³ Trad.: “O estudo da linguagem ainda está em sua menoridade, e muitas de nossas idéias estão bastante imperfeitas. Contudo, algumas coisas estão mais claras hoje do que no século dezanove. Outras estão prestes a ser entendidas (...)”.





Uma incursão a um dicionário da língua portuguesa revelaria que pontuação é o “ato ou efeito de pontuar; (*gram.*) parte que ensina a colocação dos sinais ortográficos na escrita” (Silva 1984:1226).

Bastante semelhante, porém com mais definições, é a apresentada por Buarque de Holanda (1986:1364), em seu *Novo dicionário da língua portuguesa*: “ato ou efeito de pontuar”; “colocação de sinais ortográficos na escrita”; “sistema de sinais gráficos que indica pausa (...) na linguagem oral”.

Essa noção amplia-se naturalmente quando se recorre a um dicionário especializado de lingüística.

A pontuação, então, utiliza-se

para indicar os limites entre os diversos constituintes da frase complexa ou das frases constituintes de um discurso, ou para transcrever as diferentes entonações, ou ainda para indicar as coordenações ou subordinações diversas entre as proposições (Dubois 1986:473-474).

O que seria dizer que a pontuação, hoje, consoante a essa definição, desempenharia, para além de uma função de representação das características prosódicas da língua falada, uma

função associada aos próprios mecanismos sintáticos expressos pela lógica gramatical da língua escrita.

Outrossim, as gramáticas normativas comumente dispensam uma de suas partes à questão da pontuação, esteja esta condicionada a um simples apêndice — geralmente atrelado ao âmbito da ortografia, esteja mesmo apresentada em um capítulo exclusivo, com vistas a condicionar seu uso aos padrões que a tradição de uma norma culta lhe procura reservar.

Não obstante, a pontuação desempenha, hoje, nas diversas línguas escritas contemporâneas um papel fundamental no processo da produção textual, assim como elemento facilitador e concatenador do ato da leitura e da interpretação de textos.

Sua função alarga-se, ainda, como recurso estilístico na produção literária, em verso e prosa, de que diversos autores fazem uso, para a expressão de sua arte.

Uma ausência sistemática da pontuação (se é que isso seja perfeitamente possível, sem afetar em algum grau a inteligibilidade) em uma obra literária, ou um uso extremamente peculiar — este último perfeitamente observável nas obras de José Saramago, escritor português recentemente agraciado com o prêmio Nobel de literatura, poderiam ser, por exemplo, plausivelmente, interpretados como um reflexo da importância que se lhe possa, ora, atribuir.

Isso está patente no trabalho de pesquisa que Lorenceau (1980:88-97) empreendeu, junto a diversos escritores franceses contemporâneos de renome, em que procurava levantar, entre outras questões, os hábitos de pontuar de cada um desses autores.

A maioria dos escritores consultados considerou, entre outras coisas, “qu’il existe des règles de ponctuation, qu’ils ont leurs habitudes propres, qu’ils mettent la ponctuation au premier jet”⁴ (1980:89).

Ademais, 46%, dos que se disponibilizaram a responder ao inquérito, consideraram ter a pontuação maior relação com



o oral do que com a sintaxe. Enquanto 35% elegeram hegemonicamente a sintaxe, apenas 17% dos entrevistados atribuíram uma relação tanto sintática quanto oral à pontuação.

Na sua “lenta conquista” — novamente parafraseando o inesquecível erudito e imortal Antônio Houaiss (1983:90), a pontuação tem despertado, progressivamente, o interesse de diversos estudiosos, nomeadamente no horizonte das investigações da Lingüística moderna.

Uma referência nessa linha de pesquisa tem sido os trabalhos produzidos pela equipe intitulada *Histoire et structure de l'orthographe*, dirigida por Nina Catach, na França.

Catach (1980b:17) reconhece três tipos de função para os signos de pontuação: a de organização sintática — “union et séparation des parties du discours”⁵; a de correspondência com o oral — “indication des pauses, du rythme, de la ligne mélodique, de l'intonation”,⁶ entre outros aspectos suprasegmentais; e a de suplemento semântico — cujo teor de redundância, por ele expresso, fortalece as unidades da primeira articulação e que mais claramente se pode analisar nas estratégias estilísticas recorrentes na literatura.

Essas funções, segundo a autora, podem ser observáveis tanto a nível da palavra, quanto a nível da frase (que segundo suas próprias palavras “é a mais rica e mais interessante” e de que se ocupa mais concentradamente) ou do texto, chegando a permitir, em determinadas circunstâncias, que a pontuação assuma o papel de verdadeiro morfema, capaz de substituir a organização dos vocábulos na representação gráfica de até mesmo uma frase inteira⁷ (1980a:04).

Sua divisão de base funcional tripartida encontra correspondência nas idéias desenvolvidas por Vedenina (1980), que também atribui à pontuação, na frase, uma tripla função.

Na condição de signo sintático, comunicativo e semântico, a pontuação “tout comme les autres constituants de la phrase



fait partie de tous ces trois mécanismes qui unissent leurs efforts pour assurer le processus de la créativité syntaxique”⁸ (Vedenina, 1980:60).

Cada um desses mecanismos, por sua vez, é observado pela autora, numa tentativa de indicar sistematicamente suas possibilidades de relações funcionais na frase.

Então, consoante ao texto, da função sintática, em linhas gerais, podem-se depreender três condições fundamentais:

- i) na relação da pontuação com a ordem das palavras na frase, como por exemplo no uso de um aposto, em que a oposição de um membro sintático e um não sintático marca-se por um sinal;
- ii) pelos “objetivos paralelos” existentes entre esses sinais e os conectivos frasais, como as conjunções, nos casos de parataxe;
- iii) pela marcação da pontuação, no caso de uma elipse.

Essas observações centradas no francês podem, não obstante, ser estendidas para o português numa simetria bastante aproximada.

Afinal, como sugere Gleason Jr. (1985:456), os sinais de pontuação, “uma vez que estão formulados em termos lógicos, são geralmente considerados como universais. Por conseguinte, não se esperam diferenças de pontuação de uma língua para outra”. Mas será, entretanto, a lógica universal? Não obstante, na ótica da lingüística histórica, as afirmações de Gleason Jr., obviamente, precisariam ser relativizadas, já que as línguas naturais estariam sempre reguladas por outros fatores que não os exclusivamente de ordem lingüística.

No tocante à sua função comunicativa, Vedenina (1980:62) propõe que a pontuação, além de elemento atualizador da frase, “aide l’ordre des mots et le lexique à construire l’énonciation”⁹.

No primeiro caso, exemplifica com a inserção de um elemento periférico no grupo sintático, como um epíteto ou outro complemento acessório; no segundo, a pontuação possibilitaria “l’augmentation de la valeur communicative des mots non autonomes”¹⁰ (1980:63).

Por fim, à função semântica, estariam relacionados os signos de “demarcação”, de “regularização” e de “qualificação”.

Os primeiros estariam diretamente associados ao significado: os espaços brancos entre as palavras, como no caso de homófonas, em que um vocábulo apenas contrapõe-se a um correspondente fônico formado por dois ou mais vocábulos; os signos de “regularização” separariam ou uniriam os elementos da frase, fazendo com que a incidência da pontuação determinasse seu sentido estrito; por último, o valor modal dos signos de “qualificação” inserir-se-ia na atribuição do caráter interrogativo ou assertivo de uma sentença, por exemplo, ou até na identificação de sujeito, como no uso de aspas sobre alguns vocábulos, o que poderia remetê-los a uma diferente interpretação (1980: 64-65).

Perrot (1980:67-76), igualmente, procura desenvolver seu raciocínio sobre a pontuação, fundamentando-se nas funções lingüísticas por ela desempenhadas a nível frasal.

Para ele, a pontuação assumiria, também, três funções essenciais (1980:71): marcação de uma segmentação comandada pela estruturação sintática do enunciado; marcação de uma segmentação comandada pela estruturação da informação veiculada; manifestação das modalidades de enunciação apenas ao enunciado, ou seja, “l’attitude du locuteur à l’égard du destinataire du message”.¹¹

É, pois, fundamental se ter em conta que, na sua “lenta conquista”, para além de inicialmente procurar representar (segundo muitos autores, incompletamente), na língua escrita, características prosódicas da língua falada ou servir de mero



elemento orientador de leitura em voz alta, a pontuação é hoje um elemento lingüístico de espectro funcional muito mais amplo do que as gramáticas ou mesmo o senso comum costumam admitir.

Esse processo naturalmente não se pode dissociar da própria evolução da escrita, que, “filho pródigo” da língua falada, passa a granjear estatuto próprio no complexo universo dos estudos das línguas humanas.

Do ponto de vista de suas propriedades, a pontuação é vista por Tournier (1980:36) como “l’ensemble des graphèmes purement plérémiques, non décomposables en unités de rang inférieur”,¹² e pelo seu caráter discreto pode ser comparada à palavra.

Essa associação dos signos de pontuação à noção de unidade discreta também se explicita em Catach, que afirma que “la ponctuation comprend plusieurs classes de signes graphiques discrets et formant système, complétant ou suppléant l’information alphabétique”¹³(1980b:21).

Assim sendo, dentro do sistema da escrita tem a pontuação um papel relevante nos domínios das operações de construção e recepção de um dado enunciado, já que a substituição de um ou outro sinal numa frase implicaria na alteração de seu conteúdo semântico, no seu ordenamento sintático ou no seu valor comunicativo como um todo.

É claro que alguns signos de pontuação compartilham propriedades e funções bastante estreitas entre si e que suas diferenças de emprego se resumem por vezes, para o escritor ou leitor comuns, a meras quantidades temporais, no estabelecimento de maior ou menor pausa na seqüência de um enunciado, como no uso de uma vírgula ou de um ponto-e-vírgula, por exemplo.

Embora pertença a pontuação à realidade gráfica da língua escrita (e aí se considera a escrita de tradição alfabética latina), cujo distanciamento em relação à linguagem oral se



tem progressivamente observado, nomeadamente no âmbito da escritura elaborada, da camada mais escolarizada de seus utentes, não parece ser, assim, possível categorizá-la como exclusividade absoluta dessa modalidade de linguagem.

Chacon (1998:136), ao perseguir demonstrar que a língua escrita exhibe um ritmo próprio, face à língua oral, que segundo ele se pode deprender através da pontuação, acredita que “o caráter de remeter à oralidade não deixa de estar presente, mesmo hoje,” nesses sinais.

Observe-se, entretanto, que para o autor “embora muitas vezes a pontuação indicie características da oralidade, não há correspondência direta entre os sinais e essas características” (1998:137), mas meramente um “diálogo de transcodificação” entre as duas modalidades.

No uso da pontuação estariam em jogo, então, forças de ordens antagônicas — mas não entre si excludentes, que se poderiam agrupar em duas grandes noções conceituais: a pontuação eminentemente lógico-gramatical, que se fundamentaria nas características imanentes ao próprio ritmo da língua escrita e cuja organização sintática referendaria os objetivos semântico-comunicativos da construção do enunciado, e a pontuação, a que se poderia chamar prosódica, que procuraria representar, dentro dos limites possíveis, as funções do ato ilocutório, mais relacionada, portanto, à língua falada.

Esses dois conceitos, tão complacentemente possíveis de se utilizar como artifício taxionômico de estudo, não são, entretanto, muito facilmente depreendidos em seu uso efetivo.

Se se observar, por exemplo, o comportamento que o sinal de exclamação — normalmente associado a uma representação de uma curva entonacional da prosódia da fala, poderia assumir nos possíveis contextos de uso, verificar-se-ia que lhe seria plenamente provável atribuir um outro valor, que não o prosódico, haja vista ser este sinal capaz de desempenhar, por



vezes, o papel de morfema, como no exemplo atrás assinalado por Catach (1980a:04), o que equivaleria a imputar-lhe uma função de ordem mais diretamente relacionada à organização gramatical, geneticamente condicionada à lógica estrutural da língua escrita.

Os fatos lingüísticos, assim como os sociais, não podem ser simplesmente interpretados como ocorrências incólumes aos outros fenômenos.

Existe sempre um maior ou menor grau de imbricação entre os fatos lingüísticos, mesmo que se possa a isso chamar de “diálogo”, para utilizar a terminologia bem oportuna de Chacon (1998), explicitada anteriormente.

Não se espera com isso defender uma *teoria de amalgamação* geral entre todos os fenômenos de natureza lingüística, mas antes propor que os sinais de pontuação situar-se-iam no limbo das duas modalidades, ora servindo como elemento funcional às necessidades de expressão da escrita, ora procurando representar características moduladoras da expressão oral.

Nesse sentido, a pontuação deveria ser observada tanto a nível de uma provável relação com a fala, quanto no âmbito dos condicionamentos prescritivos de cunho gramatical da língua escrita, para que se possa oferecer um análise mais abrangente desse fenômeno.

Entrementes, Rosa (1994:15), ao avaliar o sistema de pontuação de alguns impressos portugueses renascentistas, defende que “a escrita, e, especificamente, a pontuação, pode ser focalizada em isolado, sem estar em contraponto com a fala” e, adiante, assume que “a pontuação é um objeto de investigação suficiente *per se*”; de que não se discorda completamente.

No entanto, ao tentar simular uma conversão dos sinais de pontuação da época analisada, para sinais utilizados hoje, procurando com isso demonstrar que o que se conseguiria numa leitura seria “uma quantidade de tropeços, quase como se



fôssemos alunos de escolar elementar” (1994:28), em função de essa pontuação, segundo ela, se subordinar ao sistema gramatical próprio da língua escrita, que teria tido diacronicamente uma lógica de uso diferente dos padrões atualmente admitidos, deixa entrever uma outra possibilidade de interpretação.

Não ocorreriam esses “tropeços”, senão, em virtude de se estar implementando uma observação exclusivamente relacionada aos ditames da língua escrita, sem se preocupar em atribuir alguns desses problemas à força conformadora da necessidade de registro dos aspectos associados à linguagem oral?

Ademais, seria ilógico admitir que um sinal pudesse ora referendar um aspecto prosódico, como uma pausa, por exemplo, ora uma vinculação ou separação entre elementos de uma mesma categoria gramatical, num mesmo processo de produção de determinado enunciado?

Melhor talvez, numa observação analítica — diferentemente do procedimento que se costuma adotar, considerar os sinais de pontuação como elementos trasfegadores entre as duas modalidades de expressão lingüística?

Em Biologia, é certo se poder isolar um vírus laboratorialmente, mas, num organismo seu espectro de ação implicará em maior ou menor grau de comprometimento físico de cada um dos sistemas vitais, em que se instale, e consoante às condições que se lhe ofereçam para tanto.

É claro que, a depender do *corpus* a ser investigado, a análise da pontuação poderia revelar exclusivamente características funcionais da língua escrita.

Mas não se deve perder de vista, entretanto, a possibilidade de a pontuação estar relacionada a uma ou a ambas modalidades da língua.

A explicação para determinadas incongruências manifestadas na análise poderia ser beneficiada se pautada numa visão menos polarizada.



Parece oportuno apresentar uma afirmação de Catach (1980b:22): “Dire que la ponctuation n’a pas de correspondance avec l’oral est une affirmation erronée”¹⁴, que justifica ao assumir que “syntaxe, pause, intonation et sens sont absolument inséparables, même si nous les distinguons pour analyse”.¹⁵

Logo, pensar em pontuação é pressupor a língua como um sistema complexo, formado por duas modalidades básicas: uma fônica de “natureza essencialmente temporal”, outra basicamente gráfica de “natureza predominantemente espacial”.¹⁶

Mas como tem sido utilizada a pontuação na história da escrita de tradição latina?

É o que adiante se apresenta.

⁴ Trad.: “que existem regras de pontuação, que eles têm hábitos próprios, que incluem a pontuação no primeiro rascunho”.

⁵ Trad.: “união e separação de partes do discurso”.

⁶ Trad.: “indicação de pausas, do ritmo, da linha melódica, da entonação”.

⁷ A autora apresenta o seguinte exemplo: “Hélène (stupéfaite). - ?...! (que l’on pourrait traduire à peu près par deux phrases: “Que signifie cela? C’est extraordinaire!”). Trad.: Helena (atônita). - ?...! (que se pode traduzir aproximadamente por duas frases. “Que significa isso? É extraordinário!).

⁸ Trad.: “como todos os outros constituintes da frase faz parte de todos esse três mecanismos que unem seus esforços para assegurar o processo da criatividade sintática”.

⁹ Trad.: “auxilia a ordem das palavras e o léxico a construir a enunciação”.

¹⁰ Trad.: “o incremento do valor comunicativo das palavras não autônomas”.

¹¹ Trad.: “a atitude do locutor em relação ao receptor da mensagem”.

¹² Trad.: “conjunto de grafemas puramente pleremáticos, não decomponíveis em unidades de classificação inferior”.

¹³Trad.: “a pontuação compreende diversas classes de signos gráficos discretos e formam sistema, completando ou adicionando a informação alfabética”.

¹⁴ Trad.: “Dizer que a pontuação não tem correspondência com o oral é uma afirmação equivocada”.

¹⁵ Trad.: “sintaxe, pausa, entonação e sentido são absolutamente inseparáveis, mesmo se os distinguimos por análise”

¹⁶ Cf. Chacon (1998:74).





A pontuação latina

A história da escrita latina poderia ser sinteticamente periodizada¹⁷ em três principais momentos: o período arcaico, que se estende desde as origens ao século I d.C. e fundamenta-se principalmente nos modelos gráficos da Grécia; o período clássico, compreendido entre os séculos I e II, que é o período da grande normatização e de vasta produção literária romana; e o período novo, também conhecido por período pós-clássico, que reflete a tendência de novas grafias, consequência das próprias modificações por que começa a passar a sociedade romana, com a expansão de seus domínios e, consequentemente, de sua língua.

Nos textos latinos mais antigos, como afirma Prou (1910:279), a pontuação é praticamente inexistente e “les mots ne sont même pas séparés les un des autres”,¹⁸ o que imprimia à leitura, nomeadamente à realizada em voz alta, um certo grau de dificuldade, exigindo do leitor da época uma habilidade muito maior nessa atividade do que hoje se poderia pressupor a um leitor moderno.

Sobre isso parece conclusiva a afirmação de Dain (1975:42): “un texte de l’Antiquité, qui n’était ni accentué, ni ponctué, ni même le plus souvent pourvu de séparation entre les mots, était difficile à lire”.¹⁹

Deve-se provavelmente à herança de Dionísio Trácio, que “fue autor de la primera gramática griega” (Núñez Contreras, 1994:160) a introdução normativa do uso do ponto no sistema de *distinctiones* em textos latinos, cuja grande disseminação posterior é comumente atribuída a S. Isidoro de Sevilha (que viveu entre 560 e 636), através de sua obra *Etimologias* ou, ainda mais anteriormente, a Diomedes, no século IV.

Aliás, como revela Prou (1910:279), “les grammairiens latins du IV^e au VI^e siècle (...) n’ont fait que reproduire les théories des grammairiens grecs”,²⁰ situação análoga pela qual passaram os gramáticos das línguas românicas, face ao latim, ou por que sempre se têm esteirado as gerações responsáveis pela conservação da tradição erudita humana, em sua saga contra o que provoca a mudança que, embora monitorada, cedo ou tarde, se evidencia.

O sistema de *distinctiones*, a que a tradição grega costumava chamar de *théseis* consistia, para Millares Carlo (1929:289), “en el empleo de puntos (positurae)”²¹ que, a depender da posição em relação à linha do texto, indicariam diferentes graus de pausa e receberiam, em decorrência, vária designação.

É de se observar que “los primeros textos en los que aparece una puntuación por puntos son del siglo II y consiste en uno colocado a media altura de la letra”²² (Núñez Contreras 1994:161).

O sistema pautado em *distinctiones* é assim definido por Isidoro de Sevilha, em sua obra:

El primer signo de puntuación es el *punto bajo*, llamada *subdistinctio*, y *comma* en latín. El segundo es el *punto medio* — *distinctio media* y *cola*. Por



último, el *punto alto* — *distinctio ultima* o *período* —, que cierra toda la oración.²³ (Sevilha, 1982:309).

Na retórica clássica latina — bastante complexa é certo²⁴, a estruturação sintática das sentenças obedecia a um dos fenômenos do *ornatus* — o *compositio*, de que o período era parte integrante e que, para Lausberg (1972:261), se conformava, em *cólon e coma*, “seqüência vocabular, constituída por mais de três palavras”, e “seqüência vocabular, constituída, p. ex., por três ou menos palavras”, respectivamente.

Rosa (1994:47), ao avaliar a pontuação em impressos portugueses renascentistas, concluiu que embora não fizessem, originalmente, “qualquer referência a tipos de marcos gráficos que sinalizavam o texto (...) *período*, *cólon* e *coma* viriam a emprestar sua denominação para sinais que, a princípio, indicavam esses componentes na construção do enunciado”, aparecendo nos textos medievais, notadamente nos portugueses em geral, já com essa conotação²⁵.

Essas denominações, que fazem ainda hoje parte do léxico de diversas línguas contemporâneas, a exemplo do inglês moderno, já apareciam, todavia — como acima se pôde observar na definição de S. Isidoro de Sevilha, associadas ao sistema de pontuação, nomeadamente ao sistema de *distinctiones*, sendo possível, portanto, conjeturar o recuo de seu emprego com tal acepção àquela época. Conquanto alguma ponderação seja necessária.

Martins (1996:19) aponta que Cassiodoro (Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus (c. 490-580), político e escritor romano, e a quem se deve o trabalho de cópia de diversos manuscritos da Antigüidade, reconhecia a pontuação denominada *per cola et commata*, que no seu glossário de termos técnicos é definida como “método de copiar um texto em que, (sic) cada período se inicia numa nova linha” (1996:24).



Esse escritor, embora acreditasse ser o sistema *per cola et commata* “suficiente para facilitar a leitura”, preferentemente se utilizava do “sistema de *distinctiones*” (Martins, 1996:19).

Sua afirmação parece denunciar que de alguma forma a associação ou fusão entre o sistema retórico de construção sintática e o sistema de pontuação de representação de pausas não se conformou — como seria de fato de se esperar, sem algum período de acomodação e, conseqüentemente, de variação de uso, já que ao indicar preferência, Cassiodoro demonstrava considerá-los como sistemas distintos. O mais curioso, entretanto, é a pequena distância temporal entre os registros de ambos os autores, já que S. Isidoro de Sevilha e Cassiodoro foram praticamente contemporâneos, embora não se possa desconsiderar que a difusão das informações naquela altura não se realizava, obviamente, nos mesmos modelos da sociedade globalizada moderna.

Outrossim, parece possível afirmar não haver consenso no tocante às informações que remontam à questão da pontuação antiga. Os dados de que hoje se dispõe são por vezes conflitantes. Afinal, “historical linguistics is marked by the prevalence of contradictions and paradoxes that offer a rich array of challenges to the scholar who would resolve them”²⁶, como coloca Labov (1994:10), em seu *Principles of linguistic change: Internal factors*.

No verbete sobre pontuação em *The New Encyclopaedia Britannica* (1978:275), afirma-se, por exemplo, que “the use of points was somewhat confused by St. Isidore of Seville (died 636) whose encyclopaedia recommended an aberrant version of the three-point system”²⁷, o que poderia remeter um leitor incauto ao engano.

Sem se querer considerar o mérito da motivação de se chamar de “aberrante” o sistema proposto, o verbete citado parece desconsiderar o peso que as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha teriam representado nas áreas de conhecimento humano desde o século VII. Para se ter uma idéia, ainda no século XVI, este



pensador servia de referência mesmo aos escritores que estreavam suas obras gramaticais na Península Ibérica, e não só. Sua obra percorre com fluidez os diversos campos da erudição humana.

Veja-se, entretanto, a posição contrária e atenuante de Bischoff (1993:187) sobre a questão:

les grammairiens de l'Antiquité jusqu'à Isidore de Séville, qui est lui-même suivi par de nombreux auteurs médiévaux, ont laissé des règles claires et simples pour l'emploi de véritables signes de ponctuation".²⁸

Observe-se, ademais, que no século XVI, em Portugal, Pero Magalhães de Gândavo, em suas *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*, com primeira edição publicada em 1574, ainda prescreve um sistema ternário de distinções, com o objetivo de facilitar as pausas e o entendimento do sentido do enunciado. Esse sistema, já bastante híbrido, todavia, não se referia à altura do ponto na linha de texto, mas a diferentes sinais que representariam em termos gerais as mesmas funções.

Núñez Contreras (1994:162) acredita que nem todo texto latino era pontuado “sistemáticamente y con la misma frecuencia”²⁹, o que equivaleria dizer que “las normas estrictas de los gramáticos relativas a sus tres posiciones, (sic) no siempre se observaron; cuando se observaron fue en manuscritos solemnes, de muy cuidada ejecución”³⁰.

Aliadas a isso, as evoluções sociais operadas no alvorecer da Idade Média, assim como as constantes modificações de ordem gráfica, por que passou a técnica da escrita, fizeram com que novos sinais de pontuação fossem progressivamente introduzidos na elaboração dos textos latinos.³¹

Assim, outros sinais de pontuação já se atestavam mesmo antes da passagem da Antiguidade para a Idade Média.

O próprio Núñez Contreras (1994:162), em seu *Manual de Paleografia*, aponta alguns desses sinais³², que abaixo se



apresentam sinteticamente, em livre tradução, obedecendo, contudo, ao teor textual do autor:

- O traço oblíquo /, freqüente desde o princípio da época imperial, servia para indicar pausas, seja de final de um verso, seja de textos epigráficos.
- O sinal 7, semelhante ao número sete, marcava as pausas importantes ao final da réplica.
- O sinal \surd representava o parágrafo. Evolui, posteriormente, para o sinal conhecido como caldeirão.
- O sinal K antecedia artigos de leis. Era também sinal de correção.
- Um sinal semelhante à folha da palmeira, para divisão entre palavras.

Esses sinais ampliam-se, ainda segundo Núñez Contreras (1994:163), para um quadro, em que se introduziu “como signo una vírgula sola o en combinación con el punto y se combinaron puntos entre si”³³, em função do implemento da letra minúscula, que passa a dificultar a perfeita inteligibilidade do sistema de *distinciones* na linha do texto.

Para Millares Carlo (1929:289-90), os sinais de pontuação da chamada escrita visigótica obedeciam “a mas de un sistema, y su equivalencia respecto de los actuales no se deja precisar”³⁴.

De diferentes conformações, alguns inclusive de difícil reprodução por meios informáticos sem a utilização de recursos especiais de desenho, os sinais desse período têm, na sua maioria, o ponto como elemento de composição fundamental.

Apresentando diferentes formatos, seja na forma de um triângulo ou de um quadrado, composto com o que se assemelharia hoje a uma vírgula moderna, ou a um traço oblíquo, o ponto, em todas as representações registradas pelo autor, só não aparece conjugado com o sinal semelhante ao número sete,

anteriormente descrito, que segundo Martins (1996:25) indicaria “o final de uma parte do texto”, em oposição ao parágrafo.

Não foi vã, então, a denominação de *pontuação* que se consagrou para representar esse sistema na atualidade.

Em seu trabalho intitulado *Introdução à Edótica*, Segismundo Spina (1977:43) apresenta, também, um largo inventário dos sinais de pontuação, que, segundo ele, eram empregados entre os séculos IV e VII, nos textos em latim. O autor, contudo, não chega a discriminar seu emprego. Entre esses sinais aponta “um só ponto, no alto, no meio ou embaixo da linha”, a vírgula, dois pontos com diferentes disposições, pontos em forma triangular, além de outros.

Essa proliferação de sinais começa, de certa forma a se reduzir, com o advento da escrita carolina, que no final do século VIII começa a ser utilizada mais intensamente. E é novamente o ponto, “usado con diversos valores y para indicar las distintas pausas” (Millares Carlo 1929:290), que ocorre com maior frequência. Essa característica desse período é também defendida por Acioli (1994:53) que afirma que “com o advento da escrita carolina o uso dos sinais de pontuação restringiu-se, quase sempre, ao ponto”.

Para Bischoff (1994:187), nessa época, “semble prédominer l’emploi de . et de ! pour la pauses brèves et celui de ., ou ; ou ; pour la pause longue”.³⁵

Mas é a partir do século IX que, para Prou (1910:280) “la terminologie et les signes de ponctuation changèrent”.³⁶ O sistema de *distinctiones* é, então, substituído pela coma, pelo cólon e pelo período. E aí se tem mais uma vez o exemplo de como o entendimento da pontuação antiga e sua cronologia de emprego pode variar de um autor para outro.

Prou admite, ainda, que em muitos documentos dessa época, são normalmente empregados apenas dois sinais:



le point simple placé à mi-hauter de la ligne, qui est la marque d'une ponctuation faible; le point suivi d'une virgule (.,), ou notre point et virgule (;), ou encore deux points au-dessus d'une virgule (.,,) qui sont autant de manières d'indiquer la ponctuation forte³⁷ (1910:280).

Como se tem podido observar, a pontuação latina parecia permitir o emprego de diferentes modelos em seu uso efetivo, que, a depender do momento e das circunstâncias em que se inserisse, um ou outro poderia melhor se evidenciar (ao menos é o que se pode inferir dos legados teóricos escritos a que se teve possibilidade de consultar).

Independentemente do modelo adotado, parecia existir, ademais, sempre uma noção de sistema, subjacente ao papel desempenhado pela pontuação.

A variação de uso da pontuação na escrita poder-se-ia provavelmente observar nos mesmos moldes preceituais aceites pela sociolingüística laboviana contemporânea — ao analisar os usos da fala, que vê na heterogeneidade dos fenômenos lingüísticos o esteio de um sistema dinâmico, na possibilidade de se transportar através do “túnel do tempo” de Tarallo (1990) até às épocas mais remotas da tradição escrita latina.

Mas como se comportava a pontuação nas línguas românicas que emergiam?

Uma incursão pelo que até hoje foi observado sobre esse tema no período medieval é o objetivo seguinte.

¹⁷ São muitas as periodizações apresentadas por diversos estudiosos da escrita antiga. Núñez Contreras (1994:28-29) apresenta uma resenha bastante sintética, porém muito clara, sobre as diversas propostas de taxionomia da escrita latina.

¹⁸Trad.: “as palavras não são nem mesmo separadas umas das outras”.

¹⁹Trad.: “um texto da Antigüidade, que não era nem acentuado, nem pontuado, nem mesmo provido de separação de palavras, era difícil de se ler”.



²⁰ Trad.: “os gramáticos latinos dos séculos IV ao VI (...) não fizeram senão reproduzir as teorias dos gramáticos gregos”.

²¹ Trad.: “no emprego de pontos (*positurae*)”.

²² Trad.: “os primeiros textos nos quais aparece uma pontuação por pontos são do século II e consiste em um [ponto] colocado à altura média da letra”.

²³ Trad.: “O primeiro signo de pontuação é o *ponto baixo*, chamado *subdistinctio*, e *comma* em latim. O segundo é o *ponto médio* – *distinctio media* e *cola*. Por último, o *ponto alto* – *distinctio ultima* ou período – , que encerra toda a oração”.

²⁴ Por não ser objeto nuclear deste trabalho não se implementa aqui uma discussão sobre os aspectos da retórica literária.

²⁵ *Cólon* e *coma* equivaleriam, para a autora “ao desenho do atual ponto” (...) e “ao atual dois pontos”, respectivamente (Rosa, 1994:05). O período teria sido absorvido pelo *cólon*.

²⁶ Trad.: “A Linguística Histórica é marcada pela prevalência de contradições e paradoxos que oferecem um leque vasto de desafios para o literato que venha a resolvê-los”.

²⁷ Trad.: “o uso de pontos foi de certa forma confundido por S. Isidoro de Sevilha (morto em 636) cuja enciclopédia recomendava um versão aberrante do sistema de três pontos”. O destaque é nosso.

²⁸ Trad.: “os gramáticos da Antigüidade até Isidoro de Sevilha, que foi seguido por muitos autores medievais, deixaram regras claras e simples para o emprego de verdadeiros signos de pontuação”. O destaque é nosso.

²⁹ Trad.: “sistematicamente e com a mesma freqüência”.

³⁰ Trad.: “as normas estritas dos gramáticos relativas a suas três posições nem sempre se observaram; quando se observaram foi em manuscritos solenes, de mui cuidada execução”.

³¹ Esclarece-se que o que aqui se considera como texto latino não se restringe a documentos produzidos exclusivamente até o momento da queda do Império Romano — o que se operou por volta do século V, mas a toda a produção escrita em latim, que se estende ao período de aparecimento dos primeiros registros em línguas românicas.



³² Observe-se que além de sinais gráficos para marcar a pontuação eram normalmente utilizados espaços em branco com função análoga. Por não integrarem o escopo deste trabalho não serão, por ora, observados.

³³ Trad.: “como signo uma vírgula isolada ou em combinação com o ponto e se combinaram pontos entre si”.

³⁴ Trad.: “a mais de um sistema, e sua equivalência em relação aos atuais não se deixa precisar”.

³⁵ Trad.: “parece predominar o emprego de . e de ! para a pausa breve e os de ., ou ; ou .; para a pausa longa”.

³⁶ Trad.: “a terminologia e os signos de pontuação modificaram-se”.

³⁷ Trad.: “o ponto simples colocado na altura intermédia da linha, que é a marca de uma pontuação fraca; o ponto seguido de uma vírgula, ou nosso ponto e vírgula (;), ou ainda dois pontos sobre uma vírgula que da mesma forma indicam a pontuação forte”.





Poucos são os trabalhos que, no âmbito e nos modelos da Lingüística contemporânea, têm-se concentrado sobre a questão do comportamento da pontuação nos documentos medievais.

Embora já fosse parte integrante das diversas gramáticas latinas antigas — que se inspiravam no sistema herdado dos gregos e em que deveriam, em tese, se basear os “profissionais da escrita” do mundo românico medieval, é a pontuação comumente apontada por muitos filólogos como elemento pouco sistemático ou mesmo irregular nos textos desse período e normalmente associada à pausa respiratória da língua falada.

Começou, senão pouco recentemente, a pontuação medieval a merecer alguma atenção por parte dos lingüistas e dos editores de textos.

Em 1978, Marchello-Nizia publica na revista *Langue Française* um trabalho de investigação, em que assinala que o interesse pelo estudo da pontuação ascende tardiamente, a partir da mudança de perspectiva de uma observação de carácter eminentemente associado à palavra, para uma ênfase maior e progressiva de uma visão que se voltava aos aspectos sintáticos da linguagem.

Observe-se que na França o legado literário documental dos séculos XII e XIII era basicamente composto de textos em versos, em que a pontuação aparecia senão esporadicamente, despertando pouco ou nenhum interesse aos estudiosos de então.

Textos em prosa surgem no século XIII, mas, até o final do século XVI, a questão da pontuação não havia merecido qualquer atenção especial, continuava inadvertidamente sendo focalizada como elemento adiaforo no processo de concatenação das palavras.

Não obstante, com base em um *corpus* constituído por cinco manuscritos e um incunábulo do século XV, a autora procede a um inventário de todas as ocorrências de sinais, chegando a elencar doze diferentes marcas de texto a que se possa atribuir uma função correlata à da pontuação.

Sua análise revela que de modo geral nos documentos avaliados “les punctuations les plus utilisées sont donc: le point suivi de majuscule (.M), la virgule suivie ou non de majuscule (/M ou /), la majuscule seule” (1978:36).³⁸

As ocorrências dos sinais de pontuação detectadas, embora em baixa frequência, não se associam, segundo a autora, a contextos exclusivamente relacionados à pausa respiratória da fala, mas parecem já exprimir unidades sintáticas, seja “entre deux parties d’une même proposition”, seja “d’un même syntagme”³⁹ (1978:41).

Ademais, nota que algumas categorias como as conjunções e os advérbios são também fronteiras favorecedoras ao aparecimento de marcas de pontuação, sugerindo, enfim, um trabalho de investigação sobre esse fenômeno em um *corpus* de textos muito mais amplo.

Em suas observações, alerta, todavia, sobre as peculiaridades da pontuação de cada texto, mesmo quando se trata de versões de um mesmo documento. Afinal, a interferência dos

copistas nos textos produzidos parecia suplantar o que hoje se admite para os padrões contemporâneos.

Assim como Marchello-Nizia, num artigo sobre as pesquisas históricas e atuais sobre a pontuação na França e baseado no pensamento expresso por Nicolas Beauzée, gramático francês do século XVIII, Claude Gruaz admite que “l’ancienne ponctuation a pour unité syntaxique non la “phrase” telle que nous la comprenons, mais la ‘période’ ou ‘unité de pensée totale’”⁴⁰ (1980:08), o que, segundo ele, explicaria a ocorrência da pontuação no interior do parágrafo, como parece comum nos textos da Idade Média.

Assume, entretanto, que alguns documentos dessa época revelam que “la ponctuation n’a pas de caractère grammatical, elle vise plutôt à mettre en valeur les qualités esthétiques des pages et à souligner les éléments intéressants du texte”⁴¹ (1980:09).

Seria a pontuação medieva meramente arbitrária, exclusivamente prosódica, incipientemente sintática, esteticamente facultativa? Ou seria o comportamento da pontuação um fenômeno de variação lingüística, nos moldes do que hoje se observa cientificamente? Ou quiçá um indicativo de mudança sintática ou até mesmo prosódica em progresso?

No português antigo, entre os primeiros trabalhos sobre o tema publicados está o de Martins (1986).

Com *corpus* constituído de manuscritos com datação provável entre os séculos XIV e XV, sobre a vida de santos, Martins (1986) detecta cinco contextos em que a pontuação é atribuída a condicionamento sintático, seja por justaposição assindética, por coordenação oracional, por diversos tipos de encaixamento, introdução de discurso direto, seja por separação de constituintes lexicais.

No geral, são os seguintes os sinais de pontuação encontrados em seu *corpus*: o ponto, a maiúscula e o ponto seguido de maiúscula.



No entanto, em um dos documentos aparecem ainda o “semi-círculo aberto à direita seguido de ponto, semi-círculo aberto à direita seguido de ponto e maiúscula, ponto de interrogação, vírgula sobre ponto” (1986:257).

É de se notar como o elenco dos sinais de pontuação pode-se alterar com a introdução de apenas um documento na análise.

Sinais, comumente assinalados em manuais de paleografia⁴² como característicos das escrituras visigóticas ou carolinas, como a vírgula sobre ponto detectada por Martins, reaparecem em documentos de grafia gótica portugueses em plenos séculos XIV e XV, conquanto já não se empregassem algum tempo depois, pelo que se pode inferir da análise das obras de Duarte Nunes de Leão (1983[1576]) ou de Pero Magalhães de Gândavo (1981[1574]), gramáticos da língua portuguesa, que sequer fazem referência a esse sinal, assim como João de Barros, em seu trabalho precursor.

A autora adverte que a pontuação nos textos analisados “reproduz a pontuação existente em manuscritos mais antigos”, o que, segundo sua hipótese, faria com que o copista reproduzisse “fielmente lugares de pontuação”, alterando, contudo, “de acordo com seus hábitos de escrita, os sinais de pontuação usados” (1986:264).

Nem sempre apresentados nos textos de maneira absolutamente regular, os sinais analisados por Martins parecem referendar “contextos possíveis” que a autora associa a “lugares potenciais de pontuação, podendo esta ser actualizada ou não” (1986:263).

Uma outra avaliação da pontuação em documentos medievais foi empreendida por Ferreira (1987), que na sua edição do *Foro Real*, de Afonso X, dedica uma atenção especial à análise da pontuação desse documento.

O único sinal de pontuação por ele detectado, num total de 5.611 ocorrências, é o ponto, que pode aparecer ligado ou

não a um traço horizontal, embora admita também um valor separador de texto às letrinas e à tinta vermelha dos títulos.

O autor apresenta diversas funções para esses pontos no documento, entre elas a de enumeração, a de separação entre o substantivo e seu complemento, ou entre o verbo e seu complemento, até mesmo entre o pronome adjetivo e o nome. Mas do total de ocorrências, em 30,88% delas, o ponto incide diante da conjunção aditiva “e”, indicando uma função conectiva desse sinal de pontuação. Mas não exclusiva. Para ele, a pontuação no *Foro Real* tem função polivalente, ora coordenando orações, ora separando elementos do enunciado.

O próprio autor acredita que “essa pontuação parece pôr em causa a concepção tradicional do ponto segundo a qual ele corresponderia a uma pausa no discurso, ao ritmo da frase ou à respiração” (1987:355). E, apoiando-se no trabalho de Marchello-Nizia (1978), reforça a idéia de que o conceito de frase da Idade Média seria provavelmente diferente do que hoje se tem.

Até aqui, pois, se pode deprender que a pontuação do período medieval parece constituir um problema de ordem muito mais ampla do que se poderia inicialmente admitir.

Embora a língua portuguesa tenha tido o seu uso oficializado por D. Dinis ainda no ano de 1290, a primeira gramática normativa do português de que se tem notícia, a de João de Barros, só viria a ser publicada no ano de 1540.

Provavelmente, a pontuação nesse intermédio temporal deveria estar em parte condicionada à prescrição das gramáticas latinas, que continuavam a circular nos meios eruditos do período medieval, mas já parecia avançar além das suas fronteiras normativas, refletindo grande variação de emprego, o que, salvo melhor juízo, poderia indicar reflexos da própria conformação sintática e prosódica da língua de cultura que se afirmava.

Em 1993, Mattos e Silva publica no *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* um artigo, em que observa a pontuação

em um recorte dos *Diálogos de São Gregório* — Manuscrito Serafim da Silva Neto, nomeadamente o fólio 78⁴³, confrontando seus dados aos levantados por Azevedo (1987), no *Foro Real*, à sua análise da edição diplomática absoluta realizada por Allen Jr. (1953) sobre as duas versões da *Vida de Santo Aleixo*.

Na versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório*, a autora, aquando da elaboração de seu trabalho intitulado *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*, publicado em 1989, já havia preliminarmente registrado a ocorrência de apenas três sinais de pontuação em todo o documento: o caldeirão, o ponto, e menos freqüente o sinal de interrogação, além de considerar a presença de tinta vermelha e da letra capital, como indicativos de início e fim de diversas partes do texto.

Na análise do fólio 78, identifica exclusivamente o ponto seguido de maiúscula — indicando fim de enunciado simples ou complexo, o ponto seguido de minúscula — empregado em contextos mais amplos, ora como vírgula, ora como dois pontos ou ponto de seguimento, e em menor incidência a interrogação.

Marcando em todas as ocorrências (à exceção de apenas uma) unidades sintáticas (enunciados, orações, sintagmas) a maior freqüência do ponto incide antes do “e” aditivo, corroborando as observações anteriormente apresentadas por Ferreira (1987).

Confirmando uma tendência lógico-gramatical, mas que “podem ser situações próprias às pausas respiratórias” o ponto, entre outros contextos, “marca o assíndeton”, “precede o ca, tanto explicativo como encadeador discursivo”, “separa orações subordinadas circunstanciais, relativas explicativas”, e “marca também a principal quando precedida de subordinada e/ou coordenada” (1993a:82).

A observação das duas edições “diplomáticas absolutas” da *Vida de Santo Aleixo*, o códice 36 e sua provável cópia, o códice 266,



que apontam diferenças fundamentais no uso de pontuação (enquanto o primeiro documento apresenta pontos, marcando nomes próprios, títulos, orações, cláusulas, frases ou perguntas diretas, no segundo códice esses sinais não são sistematicamente correspondidos — embora de certa forma as maiúsculas pareçam desempenhar o seu papel), leva a autora a considerar que “a hipótese de que centros de produção de mss. teriam orientações constantes na sistemática utilizada” poderia ser desconfirmada (1983a:84), já que ambos os documentos são de origem alcobacense.

Se se procurasse propugnar uma teoria geral sobre a pontuação medieval, com base nos trabalhos acima apresentados, a dificuldade não seria pequena.

Com alguma cautela se poderia dizer que pareciam existir balizas norteadoras, em que, nos mais diversos graus, se apoiavam os “profissionais da escrita” da época, no ato de pontuar, mas não só. O próprio escriba, com sua história particular de vida, poderia, de certa forma, interferir no processo da escritura, nomeadamente no da pontuação.

Demais, se por outro lado, a pontuação não parecia denotar uma relação direta e exclusiva com a língua falada — já que as considerações dos estudiosos citados apontam também para alguma tendência de fundamento gramatical, por outro, não se pode distanciá-la completamente desta.

As recomendações dos autores encontram um eco comum quando apontam para a necessidade de se estender a observação do fenômeno a um *corpus* mais amplo, um *corpus* que pudesse ser suficientemente representativo de um período histórico da língua, para que se pudesse oferecer um confronto de maior abrangência, em que ocorrências e freqüências fossem examinadas *pari passu*, com vistas a revelar, mais sistematicamente, o que hoje se pode chamar apenas de tendências.

É o que se procura empreender agora.



³⁸Trad.: “as pontuações mais utilizadas são pois: o ponto seguido de maiúscula (.M), a vírgula seguida ou não de maiúscula (/M ou /), a maiúscula apenas.”

³⁹Trad.: “entre duas partes de uma mesma proposição”/ “de um mesmo sintagma”.

⁴⁰ Trad.: “a pontuação antiga tem por unidade sintática não a ‘frase’ tal como a compreendemos, mas o ‘período’ ou ‘unidade de pensamento total’”.

⁴¹Trad.: “a pontuação não tem caráter gramatical, visa preferencialmente a valorizar as qualidades estéticas das páginas e sublinhar os elementos interessantes do texto”.

⁴² Sobre esses sinais, consultar Millares Carlo (1929:289-290).

⁴³ Segundo relato oral da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, encontrava-se esse fólio inicialmente misturado ao *Flos Sanctorum* (da mesma coleção de manuscritos originalmente adquirida pelo professor Serafim da Silva, hoje de posse da Universidade de Brasília, e *corpus* integrante deste trabalho) até que o professor Nelson Rossi identificou-o, corrigindo o engano. A coincidência de escolha do mesmo fólio para análise, contudo, foi meramente circunstancial.





O material analisado

Ao se pensar em empreender a avaliação sistemática sobre o uso da pontuação em textos portugueses da Idade Média, delimitou-se logo *a priori* a necessidade de constituição de um *corpus* de trabalho suficientemente representativo da sincronia previamente selecionada para a análise, ou seja, a primeira fase do período arcaico da língua portuguesa.

As poucas análises precedentes, realizadas sobre o fenómeno da pontuação, como os trabalhos de Martins (1986), Ferreira (1987), Mattos e Silva (1993a) e Rosa (1994) — embora extremamente importantes pelas considerações neles expressas, concentraram-se, na sua maioria, sobre pequenos recortes de textos desse período, à exceção de Rosa (1994)⁴⁴, que chega a observar um volume maior de obras, mas cuja análise não privilegia senão documentos impressos relativos ao que se poderia considerar como os confins do período arcaico do português.

Outrossim, parecia também importante que a constituição do *corpus* pudesse permitir o cotejo do fenómeno não apenas entre textos de diferentes temáticas, mas entre prováveis apógrafos de uma mesma obra de ampla divulgação — muito

comuns na Idade Média, e que, pela proximidade de conteúdo, pudessem, de certa forma, revelar algumas similitudes entre as dessemelhanças comumente encontradas em documentos dessa fase da língua.

Considerando, ainda, a questão do gênero de texto, parecia implausível a utilização de obras escritas em verso, que, pela própria característica genética de produção, se condicionariam aos ditames de ordem subjetiva de seus autores⁴⁵ — provavelmente muito mais próximos de qualidades estético-estilísticas do que verdadeiramente sintáticas ou lógico-gramaticais. Condicionamentos que, mais intensamente do que em textos em prosa, poderiam ter influenciado o ato de pontuar, o que poderia alterar substancialmente a interpretação dos dados e, conseqüentemente, os resultados da análise.

A constituição do *corpus*, pois, deveria condicionar-se não apenas às linhas gerais desses fatores, mas sobretudo à possibilidade de obtenção de fac-símiles ou microfimes de qualidade, que permitissem uma leitura minuciosa das ocorrências dos sinais de pontuação, sem deixar de se relevarem a autenticidade, o valor histórico e lingüístico de cada um dos manuscritos a serem selecionados.

Sob essa perspectiva, elegeram-se, entre outros, três códices manuscritos medievais que pertenceram à coleção particular do professor Serafim da Silva Neto, que os adquiriu em Portugal na década de 50, e que hoje se encontram no Setor de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Brasília.

Os *Diálogos de São Gregório*, o *Livro das Aves* e um *flos sanctorum*, escritos em letra gótica, foram todos produzidos no século XIV e, à exceção do *Livro das Aves*, que se encontra em estado fragmentário, apresentam boa condição de conservação geral.

Os *Diálogos de São Gregório* (manuscrito Serafim da Silva Neto – ms. SSN) serviram como documento de base para a ela-



oração da edição crítica realizada por Mattos e Silva na sua tese de doutoramento, em 1971, ainda hoje inédita, que lhe atribuiu a condição de mais antiga versão portuguesa conhecida de um “número significativo de códices que transmitiram até nós essa obra dos fins do século VI” (Mattos e Silva, 1971-I:03), do papa Gregório Magno que viveu entre os anos 540 e 604, mas de que restaram apenas, em língua portuguesa, mais duas cópias alcobacenses, que hoje se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob as cotas 181 e 182, atribuídas, respectivamente, ao início do século XV e aos finais do século XIV ou início do XV.

Entrementes, num verbete do *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, Mattos e Silva (1993c:215-216), dá notícia, a partir de informação do professor Arthur Askins, da Universidade de Berkeley, da “existência de outra versão em português dos *Diálogos*, do século XV, talvez XIV”, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, mas à qual ainda não teve acesso.

Em função da possibilidade de obtenção dos fac-símiles, selecionaram-se, então, dessas versões conhecidas, o manuscrito Serafim da Silva Neto e as duas versões alcobacenses — cotas 181 e 182 — que no presente trabalho passam a ser identificadas, respectivamente, pelas siglas DSGA, DSGC, DSGB.

O recorte de texto a ser avaliado nesses códices restringiu-se à observação de mil linhas do livro terceiro das versões DSGA e DSGB e 500 linhas do manuscrito DSGC, que contrariamente às outras duas cópias apresenta mancha de texto muito mais larga, haja vista ter sido redigido em uma única coluna em cada face do fólio. Esse recorte justifica-se em razão de se procurar aproximar o volume de dados a serem analisados à dimensão do texto fragmentário do *Livro das Aves*, para que se pudesse conformar um maior equilíbrio estatístico entre as ocorrências a serem observadas.



Provavelmente do mesmo *scriptorium* em que se produziram os *Diálogos de São Gregório* (DSGA), o *Livro das Aves* e o *flos sanctorum* foram escritos em fólhos medindo aproximadamente 320X220 mm, em reto e verso, com texto distribuído em duas colunas, contendo, em geral, 36 linhas cada.

O *Livro das Aves* (LDA) é uma provável tradução portuguesa, não muito fiel, de um original latino intitulado *De bestiis et aliis rebus*, de apresentação muito mais cuidada que a dos *Diálogos* (DSGA) e a do *flos sanctorum*, chegando a exibir ricas iluminuras coloridas e maiúsculas em vermelho ou azul, o que pode ser, logo a princípio, considerado como um indicador distintivo na avaliação do uso da pontuação.

Rossi *et alii* promoveram sua leitura crítica, tendo sido publicada em 1965, pelo Instituto Nacional do Livro. Antes dessa edição, já duas outras haviam sido realizadas, uma de Pedro Azevedo, que a publicou integralmente em 1925, na *Revista Lusitana*, “sob o título *Uma versão portuguesa da história natural das aves do século XIV*” e uma parcial, que Serafim da Silva Neto apresentou em seus *Textos medievais portugueses e seus problemas*, em 1956, conforme aponta Rossi *et alii* (1965:05).

O *flos sanctorum* é um códice pergamináceo fragmentário — já que lhe faltam certamente alguns fólhos — que retrata vidas de santos da tradição lombarda, tendo sido recentemente editado por Machado Filho (2003), conforme anteriormente se mencionou na Introdução deste trabalho.

Não obstante, ao se propugnar sua utilização como parte integrante deste *corpus*, considerou-se relevante oferecer uma leitura paleográfica do recorte selecionado para análise. Assim sendo, foram realizadas as leituras da [Vida de Santa Pelágia]⁴⁶ (VSP) e da [Vida de São Simeão] (VSS), que são os dois primeiros textos que ocorrem nesse manuscrito.

A [Vida de Santa Pelágia] está distribuída nos fólhos 1 e 2 reto e verso e no fólho 3 reto, ocupando até a sua sétima linha,



e se refere à história de Pelágia, a penitente, que, segundo Attwater (1965:272), após se arrepender da sua vida como dançarina, disfarça-se de homem e passa a viver, em santidade, como um ermitão em Jerusalém.

A [Vida de São Simeão], por sua vez, refere-se ao percurso de vida de Simeão, o estilita, que de filho de pastor passa a submeter-se à vida contemplativa e a jejuns muito rigorosos, chegando por fim a viver em reclusão quase absoluta sobre uma coluna que progressivamente, para isolar-se mais ainda do mundo dos homens, era aumentada por seus seguidores (Attwater, 1965:309).

Além dos códices anteriormente selecionados, foram consideradas as duas versões conhecidas do *Testamento de Afonso II (1214)*, que são tidos como os mais antigos documentos oficiais datados, escritos em língua portuguesa: o manuscrito originalmente conservado na Mitra de Braga, que hoje se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal, e o manuscrito descoberto na década de 70, em Toledo, Espanha.

Castro *et alii* (1991:193) acredita que “alguns argumentos sólidos vêm provar a sua autenticidade, a qual, aliás, «não tem sido posta em causa»”. Entre eles, seus “caracteres paleográficos”, assim como “o aparecimento da cópia de Toledo, que conserva o selo pendente de cera, e do qual ainda existem as tiras do pergaminho da suspensão, elementos autenticadores que faltavam na cópia de Lisboa”.

Esses manuscritos, embora tivessem como função o registro testamentário da vontade de Afonso II, não resultaram em documentos absolutamente idênticos. O padre Avelino de Jesus da Costa empreende, em 1979, em *Os Mais antigos documentos escritos em português*, a análise lingüística desses códices, além do cotejo de algumas das variantes gráficas apresentadas em cada um dos dois manuscritos, variação gráfica que foi mais tarde investigada por Machado Filho *et alii* (1998) e que serviu



como um dos motivadores iniciais para a realização da presente pesquisa.

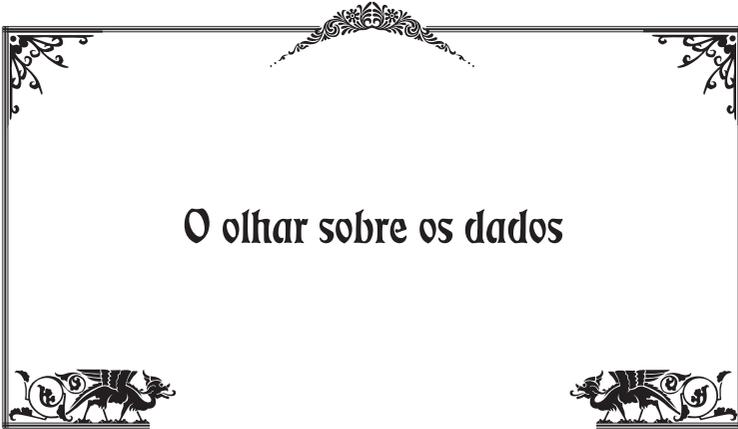
Assim, integram o *corpus* desta investigação sobre a pontuação medieval três versões dos *Diálogos de São Gregório* (DSGA, DSGB e DSGC), nomeadamente mil linhas de cada manuscrito (à exceção da versão C, de que se observaram 500 linhas), a íntegra do *Livro das Aves*, as duas versões do *Testamento de Afonso II (1214)*, assim como os textos do *flos sanctorum*, relativos às vidas de Santa Pelágia e de São Simeão.

⁴⁴ Cf. ainda sobre Rosa (1994) na introdução deste trabalho.

⁴⁵ Note-se que mesmo que coubesse aos escribas e não aos próprios autores o registro de muitas dessas obras, “if authors supplied punctuation to a text it was as readers not writers. Because the work of scribes or amanuenses was ‘mechanical’, they confined themselves to reproducing as faithfully as possible what had been transmitted to them without further interpretation”, como afirma Parkes (1993:09). Trad.: “se os autores proviam um texto de pontuação, faziam-no na condição de leitores, não de escritores. Em função de o trabalho dos escribas ou amanuenses ser ‘mecânico’, eles limitavam-se a reproduzir o mais fielmente possível o que lhes era transmitido, sem maiores interpretações.”

⁴⁶ Optou-se por se utilizar de colchetes para a apresentação do título atribuído a cada um dos textos, já que não se encontra assim expresso o título no manuscrito.





O olhar sobre os dados

A noção de recurso auxiliar de notação de aspectos sintáticos, melódicos, rítmicos ou pausais, a que se teria conformado o uso da pontuação medieval em língua portuguesa — segundo a hipótese levantada nesta pesquisa, parece que não se poderia melhor comprovar senão pelo cotejo direto entre o que se exhibe patente no *corpus* selecionado e o que recomendaria, hoje, o uso da pontuação lógico-gramatical contemporânea, em cada uma das ocorrências levantadas, assim como pela comparação com o que se tem avaliado sobre a interferência da língua falada na produção textual, focalizando-se, nomeadamente, o que se refere à pontuação moderna.

O estabelecimento de uma relação antitética, por que se pudessem constatar não apenas as discrepâncias de uso entre as sincronias distintas, ou seja, entre o período arcaico e o período contemporâneo do português, mas, principalmente, suas correspondências efetivas, direcionou, então, a metodologia a ser aplicada neste trabalho.

Embora a utilização de alguns procedimentos e instrumental metodológicos disponibilizados pela sociolinguística quantitativa,

nomeadamente as diversas versões de programas informáticos que medem não apenas a frequência de ocorrências, mas os pesos relativos que cada uma das variantes exhibe no cômputo geral dos dados, tivesse também sido inicialmente cogitada, a exemplo do pacote Varbrul (*Variable Rule Analyses*), desenvolvido por Susan Pintzuk em 1988, essa opção não parecia se configurar como essencial ao trabalho, já que não se estaria procurando demonstrar tendências intrínsecas a um sistema pontuacional medieval em relação à oscilação de variantes, mas sobretudo (e não exclusivamente) sua correspondência com uma lógica gramatical moderna, de que tanto tem sido alijada, nos trabalhos de edição filológicos centrados nesse período da língua.

Rosa (1994), em sua tese de doutoramento, utiliza-se desse procedimento de análise, para avaliar a pontuação em impressos portugueses renascentistas, por acreditar que:

(a) esse modelo matemático permite analisar qualquer tipo de fenômeno que apresente variação entre duas ou mais alternativas, porque, enquanto formalismo matemático, não está atrelado a uma teoria linguística; (b) provê o pesquisador de uma base estatística para analisar diferentes fatores que (...) teriam influenciado o emprego de sinais de pontuação (1994:139-140).

Sua escolha, que produziu informações interessantes sobre o comportamento do fenômeno no século XVI, deveu-se, ao fim e ao cabo, à sua adequação ao próprio recorte observacional de sua tese, ou seja, ao teor de observação do conjunto de suas hipóteses que se concentrava na comparação de textos de um mesmo impressor, Valentim Fernandes, (embora o contexto temporal de produção das obras tenha sido considerado como variante) e tinha, em linhas gerais, as relações coesivas entre as sentenças como ponto fulcral de observação, restringindo-se a apenas dois sinais de pontuação e se concentrando exclusivamente nos contextos sintáticos que apareciam à direita desses sinais.



Diferentemente, no presente trabalho, o cotejo temporal e a não-restrição de contexto, que desde a definição do tema o orientam, poderiam gerar um número tão amplo de variantes a serem codificadas que, ao invés de facilitar a compreensão do fenômeno, poderiam, mais certamente, dificultar a interpretação dos dados, haja vista os programas computacionais de análise quantitativa permitirem, para melhor inteligibilidade dos resultados, um número não muito amplo de variantes a serem avaliadas.

As observações preliminares sobre o comportamento da pontuação nos textos escolhidos já haviam apontado para a possibilidade de ocorrências de sinais de pontuação nas mais diversas fronteiras do enunciado, não referendando uma concentração observacional restritiva ao âmbito da coesão intersentencial, sintática, portanto, mas, inclusive, no sentido de uma marcação prosódica fortemente influenciada pela língua oral.

Ademais, a fronteira esquerda do sinal de pontuação parecia relevante à análise, em função de certos sinais aparecerem inseridos em contextos que *a priori* não poderiam ser associados a um recurso de registro funcional meramente sintático, como o de coordenação ou subordinação de sentenças, por exemplo, mas de qualquer outra ordem.

Dessarte, o tratamento dos dados desta pesquisa parecia antes referendar uma metodologia descritivo-comparativista, conquanto menos sofisticada para os avanços tecnológicos modernos, mas presumivelmente mais própria no presente caso, que visasse a elencar todas as ocorrências de sinais de pontuação, confrontando-as diretamente com os preceitos de utilização lógico-gramaticais, que a normatização atual da língua propõe, a fim de que se pudesse avaliar o grau de distanciamento — ou não — de uso entre as duas sincronias em questão.

Afinal, em que se apoiariam muitos dos que têm afirmado que seria a pontuação medieval arbitrária e assistemática, senão



numa comparação, muitas vezes impressionística, com os próprios paradigmas atuais, disponibilizados pelos manuais prescritivistas?

Mattos e Silva (1989:44), nos preâmbulos iniciais de seu *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*, considera que para o estudo de uma sincronia passada da língua, “uma gramática mais adequada em uma primeira etapa de conhecimento sistemático do objecto em estudo será portanto uma gramática descritiva, indutiva que opere sobre inventários que se definam como representativos” e mais adiante diz que essa gramática descritiva “é uma etapa necessária que, além de descrever um quadro sincrónico, fornecerá elementos para trabalhos de outra natureza”.

Admitindo-se, então, uma perspectiva de trabalho de cunho eminentemente descritivo, mas ao mesmo tempo comparativista, os procedimentos de levantamento dos dados e análise se centraram nos passos que se apresentam a seguir.

Inicialmente procedeu-se à leitura atenta de cada manuscrito, a partir de seus fac-símiles, de que se levantou e registrou cada ocorrência em quadro geral próprio⁴⁷, apondo-se-lhe, além da identificação do documento — fólio, coluna e linha, a correspondência de uso que a pontuação lógico-gramatical moderna recomendaria, em cada caso, registrando-se, ainda, o vocábulo precedente ao sinal, assim como os elementos gramaticais que de alguma forma se poderiam revelar como favorecedores ou condicionadores de emprego da pontuação observada.

O corpo da letra seguinte aos sinais de pontuação, maiúscula ou minúscula, foi também considerado, compondo um registro único e seqüencial, a cada sinal, as letras “M” e “m”, respectivamente.

Note-se que nos documentos da Idade Média o inventário de corpo de letra era bem mais diversificado que o que hoje se costuma utilizar num mesmo texto. Além de *litterae notabiliores*,



que eram, segundo Parkes (1993:305), “used to indicate the beginnings of *sententiae* or periods (...), as in the modern use of capital letters”⁴⁸, era comum se utilizarem letras de corpos intermediários entre a que se poderia chamar de minúscula e mais freqüente no documento e de *litterae notabiliores*.

Por essa razão, todas as letras de corpo maior do que aquela foram consideradas como maiúsculas e representadas junto ao sinal de pontuação pela letra “M”, conforme anteriormente se explicitou.

A própria introdução de letras de corpos diferentes, durante a Idade Média, pelos escribas, parece refletir *per se* uma mudança de atitude face a uma sinalização de natureza pontuacional. Isso parece sugerir que sua observação não poderia ser dissociada do bojo do fenômeno.

Parkes (1993:34) afirma, ao discorrer sobre o que chama de *renovatio* carolíngio, que “the most significant development for the history of punctuation in the narrowest sense of the term was the incorporation of individual letters from ancient book hands for ‘tertiary’ display purposes”.⁴⁹

Ademais, na pontuação moderna, a letra maiúscula é elemento que marca, talvez redundantemente, a retomada de nova sentença após o uso do ponto, o que de certa forma referendaria uma unidade de sentido sintática, isto é, lógico-gramatical, se se comprovasse seu uso regular nos documentos medievais, assim como a presença do ponto diante de uma letra minúscula poderia a princípio indicar o contrário.

Embora não tenha sido objetivo desta investigação, o levantamento geral de ocorrências de sinais de pontuação propiciou, ainda — quando se foi possível identificar, além do registro de todos os sinais patentes no texto, como acima foi mencionado, as não-ocorrências de sinais de pontuação, ou seja, contextos em que, hoje, seria esperado o uso de algum tipo de pontuação, mas que no manuscrito isso não se evidencia.



Esses dados, entretanto, não integralizaram os quadros de ocorrências por manuscrito, mesmo porque seria uma contradição terminológica, mas são utilizados tangencialmente no conjunto das análises.

Assim, as ocorrências de cada sinal detectado foram agrupadas em quadros específicos, por manuscrito, em que cada frequência foi medida quanto à sua correspondência com a pontuação atual sobre o total de incidências de mesma ordem no documento, apresentando-se seus percentuais de participação, no contexto específico por corpo de letra, posteriormente conjugadas em quadro sinóptico único, em ordem decrescente de frequência.

Considerando ainda que a importância da presente pesquisa não se poderia restringir a demonstrar apenas as possíveis correlações da pontuação medieval com a pontuação moderna, mas também e com mesma gradação, como seria de se esperar, atestar similaridades ou constâncias entre os diferentes manuscritos de uma mesma sincronia, que pudessem servir parcialmente como referência para a reconstrução da história da língua portuguesa escrita, as comparações entre as ocorrências se concentraram em verificar que elementos faziam parte de um inventário comum e como se distribuía temporalmente seu uso na sincronia em foco.

Um melhor conhecimento do percurso histórico dos sinais de pontuação, nomeadamente a condensação de um repertório de sinais utilizados em textos escritos em língua portuguesa, num período específico de sua história, pode-se revelar como uma importante fonte auxiliar para a Paleografia e para a Diplomática, em sua difícil tarefa de datação e autenticação do legado lingüístico escrito das gerações passadas.

No tocante às fronteiras textuais do sinal de pontuação, isto é, aos vocábulos que aparecem à sua esquerda ou à sua direita, a análise foi realizada — quando para tanto se manifes-



tassem evidências, por manuscrito, assim como no conjunto dos documentos, de forma a se procurar confirmar as observações apresentadas em trabalhos precedentes sobre o fenômeno, já anteriormente citados, como os de Martins (1986), Ferreira (1987) e Mattos e Silva (1993a), entre outros.

Sobre os quadros sinóticos de ocorrências foram, por fim, construídos gráficos que procurassem atestar com maior clareza visual algumas das mais interessantes relações e comportamentos desses sinais, resumindo generalidades e evidenciando as particularidades de tão instigante fenômeno.

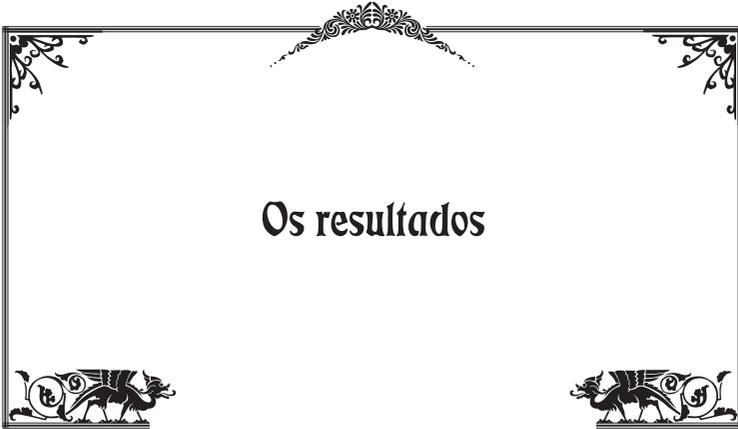
A apresentação dos resultados é o próximo passo.

⁴⁷ Esse quadro não se apresenta neste livro, mas compõe a dissertação que lhe deu origem.

⁴⁸ Trad.: “usada para indicar o início das sentenças ou períodos (...), como no uso moderno de letras capitulares.

⁴⁹ Trad.: “o mais significativo desenvolvimento para a história da pontuação no senso estrito do termo foi a incorporação de letras especiais de caligrafias de livros antigos com ‘segundas intenções’ de ordem da disposição do texto”.





Os resultados

A primeira avaliação que se pôde depreender da observação dos dados revelou que, não obstante a profusa variedade de símbolos detectada no *corpus*, a maior freqüência de uso total se refere ao *punctus* simples, seja seguido de letra maiúscula, seja de minúscula. É esse também o único sinal que ocorre em todos os manuscritos, incontinentemente, e está presente em outras configurações, em que compõe, com outros sinais, possibilidade vária de representação.

No Quadro 1, a seguir, tem-se o registro condensado de todas as ocorrências dos sinais identificados na leitura dos documentos.

Pode-se, então, a partir de sua análise, observar que, do total de 3737 ocorrências de sinais, um pouco mais de 74% se concentram sobre o ponto e que também é relativamente freqüente o emprego da *virgula suspensiva* e do *punctus elevatus* e suas prováveis variantes. Um resultado que, de certa forma, reafirma o ponto como um dos sinais mais presentes e mais funcionais na história da pontuação ocidental, desde que foi primeiramente utilizado com tal finalidade.

Quadro 1: Sinais de pontuação detectados e sua frequência nos manuscritos analisados

Sinais	VSP	VSS	DSGA	DSGB	DSCG	TAT	TAL	LDA	Totais
.	73	106	353	152	329	94	101	271	1479
.	112	147	267	182	275	65	60	180	1288
/	203	176	12			01		49	441
/		02			243				245
/	06	06	07			44	33	11	107
.	/	01		05				42	48
/	M				21				21
∧	m				20				20
¶	M	01		01				10	13
.	SFT	M			12				12
∧	M				10				10
:	m	03	01	01		01		02	08
?	M	02						06	08
:	M				01				03
/	m							01	03
/	M	02			02			01	03
/	M							01	03
.	M			02					02
.	M		01	01					02
/	M				02				02
..	m								02
.	SFT	m			02				02
.	m			02					02
.	m						01		02
.	m								02
..	M			01				01	02
.	M								02
//	M				01			01	02
.	m								02
.	m								02
.	M						01		01
.	SFT	M			01				01
¶	m								01
SFT	M				01				01
=	m								01
//	m								01
Totais	399	449	643	347	923	205	196	575	3737



Ademais, se se considerarem suas diferentes composições, como, por exemplo, associado ao sinal de fim de texto (SFT) ou ao caldeirão, que aqui se apresenta na forma do parágrafo, mas que originalmente se assemelha a uma letra “C”, cortada por um traço vertical e cuja a haste superior é bastante mais longa, sua frequência relativa aumentaria mais ainda.

A *virgula suspensiva*, representada pelo sinal [/], que era para Parkes (1993:307) “used to mark the briefest pause or hesitation in a text”⁵⁰, mas que “in some 14th-, 15th- and 16th-century copies it could be used for all pauses except the final one”⁵¹, tinha como variante gráfica um sinal muito semelhante ao *punctus elevatus* [/], exceto pela posição do ponto, que se situava no meio da linha diagonal, estando presente em 62,5% dos documentos analisados, curiosamente apenas nos textos que compõem um conjunto único de manuscritos e integraram a coleção particular do professor Serafim da Silva Neto⁵², à exceção de duas ocorrências no DSGC, que talvez mereçam adiante uma outra interpretação. A participação da *virgula suspensiva* [/] representou 11,8%, do cômputo geral das ocorrências.

Com comportamento ainda mais constante do que a *virgula suspensiva* [/], em relação à incidência nos diversos manuscritos, o *punctus elevatus* [/] aparece, na sua forma mais comumente registrada pela Paleografia, em seis dos oito documentos integrantes da pesquisa, ou seja, em 75% do *corpus*. Talvez não fosse improvável pensar que as realizações de [./] e [/.] não teriam sido senão variantes gráficas desse sinal, ao invés de se pressupor impressionisticamente um uso concomitante e redundante do ponto e da *virgula suspensiva*, ou mesmo associá-las, nomeadamente em relação à variante [./] ao que Núñez Contreras (1994:166) denomina de “semipunto”, que, segundo ele, “se coloca al final de una línea para indicar que la palabra continúa en la siguiente”⁵³. Embora possa ser válida para o espanhol, sua função parece antes se aproximar daquela definida

para o *punctus elevatus* [!], que se relaciona mais propriamente com uma pausa do que com indicador de divisão de palavra.

Quantitativamente, os outros sinais que foram encontrados nos textos não representam mais do que 5% de todas as ocorrências. Esse dado, contudo, não pode ser desprezado, haja vista alguns sinais de pontuação, mesmo hoje, poderem apresentar uma pequena incidência no corpo do texto, mas serem extremamente indispensáveis na representação de informações relevantes no processo de construção do enunciado escrito ou de seu encadeamento lógico, a exemplo do *punctus interrogativus* [?] ou do *colon*, hoje conhecido como dois pontos.

São esses outros sinais, em alguns casos, característicos de antigos sistemas de pontuação, que revelam uma longevidade de uso maior do que se poderia de fato esperar.

Sobre isso, afirma Parkes (1993:41):

The general repertory of punctuation developed from a progressive amalgamation of elements drawn from different earlier systems of punctuation, and was augmented from other specialized systems which appeared during the course of the Middle Ages.⁵⁴

Uma prova desse comportamento pode ser observada pela sucessão do sinal [::~], nos DSGA e DSGB, que integrava os símbolos conhecidos como *positura* que eram utilizados “at the end of a paragraph in a series of paragraphs or texts (...) to imply that some continuation was to be expected to complete this series”⁵⁵, segundo Parkes (1993:306), ou das duas ocorrências, porém de leitura clara, do sinal [::], na [Vida de São Simeão] (VSS) e *Livro da Aves* (LDA), variante que fazia parte do antigo sistema latino de *distinctiones*, anteriormente definido, que em suma preconizava uma dependência direta do sinal à altura da linha do texto, condicionando a interpretação por parte do leitor de uma maior, média ou menor pausa no ato da leitura.



Quadro 2: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito TAL e sua correspondência atual

Sinal no manuscrito	Correspondência atual		Frequência	%
.	∅	m	44/101	43,56
,	,	m	27/101	26,73
:	.	m	20/101	19,80
!	:	m	10/101	9,90
	.	M	60/60	100
!	,	m	24/33	72,73
:	∅	m	09/33	27,27
!	.	m	01/01	100
	.	M	01/01	100
Total de ocorrências			196	

Quadro 3: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito TAT e sua correspondência atual

Sinal no manuscrito	Correspondência atual		Frequência	%
.	∅	m	50/94	53,19
	,	m	20/94	21,28
	:	m	23/94	24,47
	:	m	01/94	1,06
M	.	M	64/65	98,46
	∅	M	01/65	1,54
/	,	m	32/44	72,73
	∅	m	12/44	27,27
:	,	m	01/01	100
/	,	m	01/01	100
Total de ocorrências			205	



Outros sinais que compõem a pequena percentagem de ocorrências mais raras serão também adiante comentados, assim como as mais frequentes, conquanto sua observação demande uma avaliação inicialmente centrada em cada manuscrito e principalmente entre as diferentes versões de um mesmo texto, para que se possa, posteriormente, oferecer um cotejo global claro do comportamento da pontuação medieval, assim como atestar sua relação com o uso da pontuação lógico-gramatical moderna.

As Versões do *Testamento de Afonso II* (1214)

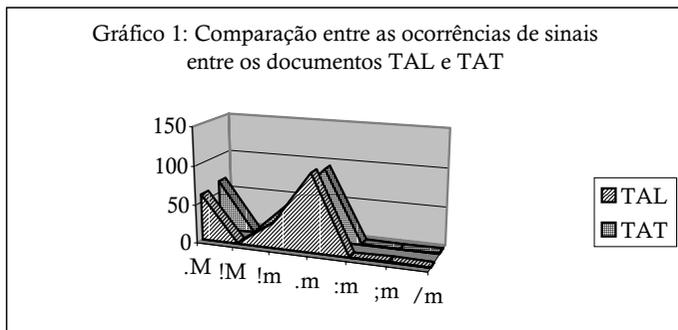
Dentre os documentos integrantes do *corpus* de análise, o *Testamento de Afonso II (1214)* é, como se sabe, o mais antigo documento oficial datado em língua portuguesa.

As duas versões conhecidas desse documento, a que hoje se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa (TAL), e a cópia pertencente à Catedral de Toledo (TAT), na Espanha, exibem diferenças de registro gráfico bastante significativas, já tendo sido objeto de análises precedentes, como anteriormente se apontou neste trabalho. Todavia, ao se cotejarem os quadros 2 e 3 respectivos a cada uma dessas versões, torna-se evidente um uso bastante simétrico da pontuação nos dois manuscritos.

Esse relativo paralelismo de emprego dos sinais de pontuação nas duas versões parece poder contribuir como mais um elemento de análise para o melhor entendimento da questão de as duas versões do *Testamento* se tratarem de cópias obtidas a partir de ditado, como defendeu Costa (1979), ou de serem decorrentes de “uma situação de cópia pura, de texto escrito para texto escrito”, segundo a avaliação de Castro (1991:196).



A representação gráfica, abaixo, desse relativo paralelismo de uso é bastante elucidativa.



Observe-se que as áreas de representação de ambos os manuscritos exibem um comportamento bastante similar, tanto a nível de repertório, quanto a nível de ocorrências.

É, entretanto, importante ressaltar que suas fronteiras nos textos não são absolutamente coincidentes, isto é, nem os sinais nem as circunstâncias de emprego são sempre os mesmos nas duas cópias, embora apresentem uma correspondência bastante significativa, se considerados os padrões de liberdade de representação gráfica que pareciam ter os copistas medievais no exercício de suas tarefas.

Considerando-se exclusivamente o comportamento da pontuação, nomeadamente a partir da observação do gráfico acima, parece que se poderia, então, admitir a hipótese de Castro (1991) como a mais provável.

Não obstante, o sinal mais utilizado nas duas cópias é o ponto, esteja seguido de minúscula ou de maiúscula, figurando em 79,8% do total de emprego de pontuação nas duas versões.

O *punctus elevatus* [!] por seu turno contabiliza 19,45% dos sinais, coadunando de certa forma com os resultados gerais extraídos do Quadro 1, embora a presença da *virgula suspensiva*

[/], cujo uso é representativo no cômputo geral, restrinja-se a uma única aparição na versão do *Testamento* de Toledo (TAT). Essa ocorrência única, conquanto registrada, não parece que se possa sustentar como absolutamente real, em função de o seu posicionamento no texto denunciar uma provável sobreposição da letra que a antecede sobre o que poderia ser o ponto integrante de um *punctus elevatus* [!]. Outrossim, o maior grau de arqueamento do traçado exibido no documento, que deveria ser mais regularmente oblíquo que curvo da *virgula suspensiva* [/], parece referendar ainda mais essa última hipótese.

Sua ausência, entretanto, não conclui categoricamente pelo desuso desse sinal naquele período em que se começava a escrever em português, já que vem a aparecer depois nos textos dos séculos XIV, da mesma sincronia, portanto, mas pode suscitar duas hipóteses principais. Ou sua introdução é tardia no sistema de pontuação do português, e aí seria necessária uma avaliação em outros documentos do século XIII, ou a extensão e estrutura do próprio texto teria condicionado o uso alternado entre o ponto e o *punctus elevatus* [!] para a marcação das pausas ou informações sintáticas necessárias, sem a necessidade de emprego da *virgula suspensiva* [/], se é que já se possa, aqui, afirmar que essa utilização lógico-gramatical já se evidenciava nesse período.

É esse um dos pontos principais a ser observado neste trabalho.

De volta aos quadros 2 e 3, a primeira conclusão que pode ser depreendida da sua observação, numa perspectiva de uso lógico-gramatical, é que o ponto seguido de maiúscula [.M] teria um emprego quase categoricamente igual ao emprego atual, senão por uma única ocorrência desabonadora na cópia de Toledo.

Esse único caso, todavia, apresenta um importante atenuante. O ponto ocorre diante de um nome próprio, “Vrr(aca)”,



logo na primeira linha do manuscrito, separando-o de uma expressão de tratamento, “dona”, podendo-se, portanto, atribuir-lhe uma outra interpretação que não a de sinalizar o fim de um enunciado e retomada de um novo.

Se não se tratasse de um nome próprio na linha de texto, o fenômeno poderia ter sido facilmente registrado como um ponto seguido de minúscula, muito comum nos documentos analisados, afinal, no português antigo, nem sempre os nomes pessoais aparecem grafados com maiúsculas. A questão da quebra do encadeamento lógico, portanto, seria remetida a uma outra instância de análise, ou seja, ao comportamento desse sinal diante de minúsculas.

O ponto seguido de minúscula [.m] apresenta, em ambas as versões, um comportamento bastante peculiar, face ao uso atual.

Em 48,2% de média entre os dois manuscritos, o ponto seguido de minúscula não encontraria qualquer correspondência com a pontuação lógico-gramatical moderna, enquanto em 51,8% esta relação se estabeleceria em substituição à vírgula, ao ponto ou aos dois pontos.

Se se observar que a *virgula suspensiva* [/], que tinha a função de marcar as pausas mais breves ou hesitações no texto, conforme anteriormente se definiu com base no trabalho de Parkes (1993) — função provavelmente muito mais próxima dos aspectos prosódicos da língua falada do que propriamente dos condicionamentos sintáticos da língua escrita, não aparece nesses documentos, senão numa ocorrência dúbia⁵⁶, poder-se-ia talvez considerar que tais aspectos deveriam então ser marcados por outros sinais.

Cabe, então, a partir dos resultados obtidos na análise dos outros documentos, perseguir a hipótese de que teria o ponto diante de minúscula uma função alternativa, além de sua característica de marcação sintática, já que demonstrou

corresponder em quase metade dos casos ao emprego lógico-gramatical de alguns sinais modernos nos dois documentos; uma função de representar alguns aspectos necessariamente prosódicos, na condição de variante de outros sinais mais comumente usados com tal finalidade.

Os Manuscritos Serafim da Silva Neto (mss. SSN)

O professor Serafim da Silva Neto, com sua visão de pesquisador e sua arguta alma de bibliófilo, legou ao Brasil, além de toda sua vasta e importante obra concentrada sobre o estudo da língua portuguesa e da filologia, os mais antigos manuscritos escritos em língua portuguesa existentes, hoje, no país.

Por ele adquiridos nos anos 50, em Portugal, esses manuscritos passaram a integrar o acervo de obras raras da Universidade de Brasília, sendo conhecidos como os *Diálogos de São Gregório*, o *Livro das Aves* e um *Flos Sanctorum*, que foram apresentados antes neste trabalho.

O *Flos Sanctorum* é um conjunto de 82 fólios, que relata a vida de santos da tradição lombarda, e já dispõe de uma recente transcrição de base filológica, procedida por Machado Filho (2003).

Seus dois primeiros textos, a [Vida de Santa Pelágia] e a [Vida de São Simeão] foram, neste trabalho, previamente editados paleograficamente para integralizar o *corpus* de análise.

Por terem sido extraídos, portanto, de uma mesma seqüência de fólios, talvez se pudesse, a princípio, esperar que a [Vida de Santa Pelágia] e a [Vida de São Simeão] apresentassem um elenco de uso de sinais relativamente semelhante no cômputo final dos dados.

Como se pode verificar no cotejo dos quadros 4 e 5, a diversidade de símbolos empregados na [Vida de São Simeão] é bem mais ampla do que a que aparece na [Vida de Santa Pelágia].



Quadro 4: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito VSP

Sinal no manuscrito	Correspondência atual	Frequência	%
/	m	89/203	43,84
∅	m	112/203	55,17
!	m	01/203	0,49
.	M	01/203	0,49
.	M	89/112	79,46
:	M	02/112	1,78
:	—	14/112	12,5
!	M	03/112	2,68
?	M	02/112	1,78
∅	m	01/112	0,89
,	m	01/112	0,89
∅	m	18/73	24,66
,	m	44/73	60,27
:	—	09/73	12,33
?	M	01/73	1,37
!	M	01/73	1,37
,	m	02/06	33,33
∅	m	04/06	66,67
/.	m	01/02	50
∅	m	01/02	50
?	M	02/02	100
↑	M	01/01	100
Total de ocorrências			399

Quadro 5: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito VSS

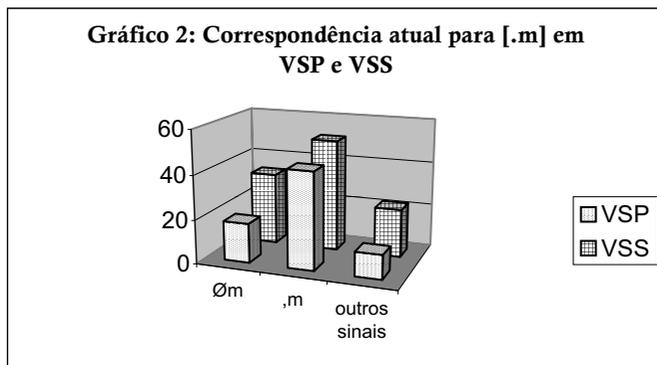
Sinal no manuscrito	Correspondência atual			Frequência	%
/ m	,	m		73/176	41,48
	∅	m		98/176	55,68
	.	M		03/176	1,70
	:	M		01/176	0,57
	:	—	M	01/176	0,57
. M	.	M		126/147	85,71
	:	M		03/147	2,04
	:	—	M	12/147	8,16
	?	M		01/147	0,68
	∅	m		01/147	0,68
	,	m		04/147	2,72
. m	∅	m		33/106	31,13
	,	m		51/106	48,11
	:	—	M	10/106	9,43
	:	—	m	01/106	0,94
	.	M		09/106	8,49
	:	m		02/106	1,89
! m	,	m		03/06	50
	∅	m		02/06	33,33
	;	m		01/06	16,67
: m	,	m		01/03	33,33
	∅	m		01/03	33,33
	:	—	M	01/03	33,33
: M	:	M		01/02	50
	.	M		01/02	50
./ m	,	m		01/02	50
	∅	m		01/02	50
.. m	,	m		01/02	50
	∅	m		01/02	50
∴ M	:	M		01/01	100
. ¶ M	.	¶	M	01/01	100
¶ m	emenda	m		01/01	100
¶ M	.	M		01/01	100
./	.	final		01/01	100
Total de ocorrências				449	



Não obstante a [Vida de Santa Pelágia] apresentar um relação de símbolos de pontuação muito mais próxima da exibida no *Livro das Aves* — de que se tratará em seguida, do que da de qualquer outro documento integrante do *corpus*, o cotejo dos sinais mais empregados em VSS e VSP parece indicar um resultado bastante semelhante ao observado entre as duas versões do *Testamento de Afonso II (1214)*, nomeadamente em relação ao emprego do ponto seguido de maiúscula.

A correspondência atual de uso para [.M], que representa 30,54% em média do total de ocorrências nos dois textos, é praticamente regular, senão por dois casos, um em cada documento, em que se poderia assinalar uma utilização incoerente com o paradigma atualmente adotado.

Considerando-se, entretanto, que essas duas situações não chegam a representar 0,8% do total de emprego nesse contexto, suas incidências não parecem ser, *a priori*, muito relevantes, conquanto não possam ser já desprezadas.

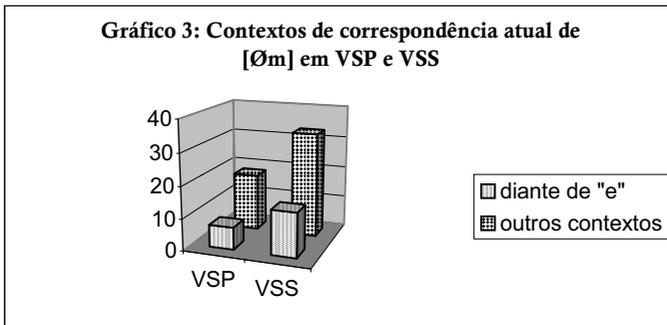


As ocorrências de [.m] nos dois documentos, por sua vez — 21,11% da média total de uso, correspondem em 60,27% dos casos, em VSP, e em 48,11% , em VSS, ao mesmo contexto de utilização da vírgula moderna, enquanto em 24,66% e em 31,13% tenham sido, respectivamente, associadas a um emprego

inóspito ao comumente praticado na escrita contemporânea. O gráfico 2, ilustra visualmente melhor essas correlações.

Ressalta-se que em diversas situações em que foi atribuída uma correspondência atual Ø ao sinal de pontuação detectado, isso se deveu não apenas a um provável caráter de ilogismo de encadeamento ou coesão sintática que esse sinal pudesse demonstrar com sua presença no texto, mas também em razão de, simplesmente, não corresponder ao uso tradicional da escrita ocidental moderna, a exemplo da tendência de utilização de sinais de pontuação diante de “e” aditivo, muito regular, entretanto, no português antigo, como atestam alguns dos trabalhos anteriormente realizados sobre o fenômeno.

Em 38,89% das ocorrências de a [Vida de Santa Pelágia] e em 42,42% de a [Vida de São Simeão], a atribuição de correspondência atual Ø refere-se a contextos em que seria absolutamente desnecessário ou redundante, hoje, o emprego da vírgula diante de uma conjunção aditiva, como se pode observar no Gráfico 3, a seguir.



Mas se uma percentagem de correspondência atual Ø para [.m] pode ser imputada a um ou mais contextos específicos favorecedores, não se pode, porém, deixar de perseguir uma motivação para as outras ocorrências que não encontram qualquer condicionamento dessa ordem.

Se se observarem a incidência e a utilização da *virgula suspensiva* [/m] seguida de letra minúscula em ambos os documentos, verificar-se-á que sua presença no corpo do texto é proporcionalmente maior do que o emprego do ponto simples seguido de minúscula, chegando a representar em média 44,69% do total de sinais detectados.

Sua correspondência atual Ø, com mais 55% de participação no cômputo geral das ocorrências, opõe-se aos pouco mais de 42% em que teria a função de representar o uso da vírgula no modelo pontuacional moderno, demonstrando uma pequena inversão de resultados se comparada ao que anteriormente se apontou em relação ao sinal [.m].

Os dois sinais, o ponto e a *virgula suspensiva* seguidos de minúscula, parecem, pois, que podiam transitar entre uma utilização lógico-gramatical, em que poderiam exercer a função de sinalizadores de contextos sintaticamente definidos, a situações de uso, em que, na atualidade, não se lhes poderia apreender uma lógica, senão se associada a um outro caráter funcional, que, hipoteticamente, poderia estar relacionado à necessidade de representação das características prosódicas da fala na construção do enunciado escrito.

Para Parkes (1993:42), é a partir do século XII, quando as regras fundamentais da língua escrita já se haviam estabelecido, que “the *punctus* became the most common mark of punctuation”⁵⁷ e passa a ser utilizado “to indicate all kinds of pauses, to introduce quotations, and to separate”.⁵⁸ Não obstante, admite adiante que a “*virgula suspensiva* became almost as common a mark of punctuation as the *punctus*”⁵⁹ (1993:46), apresentando funcionamento similar ao ponto, ao menos uma de suas funções, e que em decorrência das “overlaps between functions of the *virgula suspensiva* and the *punctus*, these marks could be used interchangeably”⁶⁰ (1993:46).



E é isso que parece a princípio se confirmar na análise desses dois documentos em língua portuguesa. A frequência dos dois sinais, bastante expressiva, e sua correspondência atual \emptyset parecem recomendar — ao contrário do comportamento assistemático que tem sido atribuído à pontuação medieval, uma possibilidade de organização baseada no uso indistinto de variantes gráficas que poderiam servir para representar uma dupla ou vária função, quer relacionada à ordem sintática, quer condicionada ao caráter eminentemente prosódico. Uma questão a se comprovar.

Não obstante, é curioso se observar como a frequência do *punctus elevatus* [!] reduz-se drasticamente, em relação ao detectado nas duas versões do *Testamento de Afonso II (1214)*. Nas duas vidas de santos, sua participação parece ser, a princípio, residual. A análise dos outros documentos pode, certamente, referendar uma melhor conclusão.

Entrementes, em VSP e VSS, o caldeirão medieval, a que Núñez Contreras (1994:162) corresponde o signo do parágrafo transformado por evolução na Idade Média, já é detectado.

Restringindo-se, todavia, a apenas uma ocorrência em VSP e a três incidências em VSS, chega a representar, neste último, uma talvez inesperada função de sinalizador de lapso de escrita e, conseqüentemente, de símbolo de correção.

Os outros sinais que ocorrem nesses textos podem ser interpretados à luz do glossário de sinais de pontuação, que, com base no trabalho de Parkes (1993), se apresenta nos apêndices desta investigação.

O Livro das Aves

Embora bastante fragmentário, o *Livro das Aves* (LDA), é um manuscrito do século XIV, cuja apresentação logo indica um cuidado bem mais acurado na preparação dos originais, do



que a dos manuscritos anteriormente analisados e das versões dos *Diálogos de São Gregório* que serão analisadas a seguir.

Sua elaboração, rica em iluminuras coloridas e maiúsculas iniciais nas cores vermelha e azul, demonstra isso, deixando vislumbrar um rigor maior no processo de escrita, o que pode suscitar uma expectativa também bastante positiva quanto ao tratamento dado ao emprego dos sinais de pontuação.

A profusão do caldeirão medieval foi o primeiro indicativo. Em nenhum dos documentos analisados o caldeirão demonstrou uma utilização tão freqüente e tão regular para indicar o início de um parágrafo do que no *Livro das Aves*, como se pode observar no Quadro 6, abaixo.

Quadro 6: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito LDA

Sinal no manuscrito	Correspondência atual			Freqüência	%
. m	∅	m		110/271	40,59
	,	m		154/271	56,83
	:	"	M	03/271	1,11
	.	"	M	01/271	0,37
	:	m		02/271	0,74
	?	"	M	01/271	0,37
. M	.	M		175/180	97,22
	:	"	M	03/180	1,67
	.	"	M	02/180	1,11
/ m	,	m		20/49	40,82
	:	m		01/49	2,04
	∅	m		28/49	57,14
. ¶ M	.	¶	M	42/42	100
! m	,	m		08/11	72,73
	∅	m		03/11	27,27
	.	¶	M	10/10	100
? M	?	M		03/06	50
	?	"	M	03/06	50
: m	:	m		02/02	100
.. M	:	M		01/01	100
/ M	.	M		01/01	100
// M	¶	M		01/01	100
/. m	∅	m		01/01	100
Total de ocorrências				575	

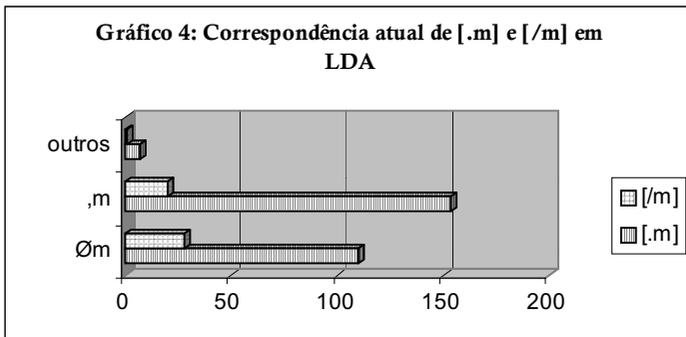


Ademais, para [.M] não se detectou qualquer ocorrência em que lhe fosse coerente atribuir uma correspondência atual Ø, ou seja, qualquer contexto em que não se pudesse, pela lógica gramatical moderna, servir desse sinal de pontuação, conquanto um outro valor ou representação lhe fosse permitido associar, com se pode depreender a partir da observação do quadro acima.

O mesmo não se pode, contudo, afirmar quanto ao ponto seguido de minúscula [.m]. Em 40,59%, seu emprego correspondeu a uma utilização irregular face ao modelo atualmente adotado, assim como em 57,14% a *virgula suspensiva* [/m] tenha o seu uso sido considerado indevido, quando interpretada como uma simples vírgula na perspectiva de prescrição normativa atual.

Em contrapartida, em 56,83% e 40,82% dos casos sua utilização se coadunasse, respectivamente, ao que hoje se pratica no ato de pontuar.

Essas correspondências podem ser melhor observadas no Gráfico 4, que se apresenta a seguir.



Nota-se que enquanto [.m] exhibe uma correspondência maior à representação do uso moderno da vírgula, [/m] associa-se mais à correspondência atual Ø, o que poderia fazer vislumbrar a hipótese de uma tendência preferencial de emprego

de representação lógico-sintática do primeiro e de caráter eminentemente prosódico do segundo, sem entretanto inviabilizar a possibilidade de variação contextual de uso, que aqui se tem procurado defender.

Essa possibilidade de variação de uso em contextos distintos — sintático ou prosódico, pode ter se expandido em relação ao [.m], aquando do provável desuso progressivo nos séculos subsequente da *virgula suspensiva*, já que Rosa (1994) sobre este último sinal não faz qualquer referência em seu estudo que se concentra em textos impressos da primeira metade do século XVI, levando-se a crer que não seria, àquela altura ao menos, de utilização muito representativa. A análise dos outros documentos integrantes do *corpus* da presente investigação poderá melhor sinalizar sobre a questão.

Entre os outros sinais detectados, nenhum aparece exclusivamente no *Livro das Aves*. Mesmo os de menor incidência encontram par em outros manuscritos, nomeadamente nos manuscritos Serafim da Silva Neto, de que também é espólio.

É no *Livro das Aves* que, curiosamente, o ponto de interrogação, que se assemelhava de certa forma ao traçado do sinal atual, senão por uma inclinação muito mais acentuada para a direita, tem o seu emprego mais freqüente em todo o *corpus* analisado, o que parece confirmar a expectativa inicial de que sua produção mais cuidada poderia suscitar o mesmo tratamento face ao uso da pontuação, exibindo uma pontuação mais rica, quiçá diversificada, mas, sobretudo, mais seguramente confinada aos preceitos que deveriam direcionar o ato de pontuar da época. Mas como os fenômenos relativos à linguagem humana não são absolutos, pois envolvem fatores de outras ordens, já que a língua “caminha lado com a história social”, como assinala Silva Neto (1960:258), em um dos casos em que o escriba emprega [.m], se deveria, hoje, esperar o uso do símbolo de interrogação.



Os outros sinais a que se atribuiu uma correspondência atual Ø, além do [.m] e [/m], antes tratados, foram o *punctus elevatus* [ʃ], com 3 ocorrências num total de 11, e o [/.], que aqui tem sido interpretado como uma sua variante, com apenas 1 ocorrência total.

Qual não seria o resultado de uma pesquisa que, hoje, observasse, com uma metodologia similar à que se tem empreendido neste trabalho, o emprego da pontuação em textos cuja preparação dos originais pressupusesse uma edição acurada e bem apresentada, para que se pudesse promover o confronto entre duas sincronias da língua tão aisladas pelos efeitos do tempo?

Sobre a possibilidade de confronto entre dados e métodos de tempos diferentes, Labov (1994:20) afirma que

The use of the present to explain the past then depends not only on new methods and new data, but also on locating points of contact and similarity between the present and the past that would justify the application of new data.⁶¹

Chacon (1998), embora sob uma ótica e com escopo de trabalho diferentes face ao que aqui se tem desenvolvido, avaliou diversas redações de vestibular de alunos finalistas do ensino médio, candidatos ao ingresso em universidades brasileiras, que, a princípio, deveriam apresentar em sua escrita o reflexo desse padrão de escolaridade. Padrão que em tese já deveria apresentar algumas sedimentações do treinamento escolar, nomeadamente no que concerne ao conhecimento do uso da pontuação, que nesse momento já se teria revelado.

O autor apresenta alguns exemplos dessas redações no corpo do trabalho, donde se pode observar uma utilização de pontuação que não muito freqüentemente coadunaria com o que comumente se prescreve, nos dias atuais, como lógico-gramatical.



Embora defenda que a escrita possui um ritmo próprio e que é a partir da pontuação que se pode observá-lo, suas análises não descartaram, entretanto, a interferência que a língua oral pudesse exercer, em algum grau, sobre a língua escrita, no ato de pontuar.

Se essa influência da língua oral sobre a escrita se pode ainda hoje verificar, o que dizer sobre um período em que nem mesmo gramáticas normativas havia para regular o uso de um vernáculo, que emergia de um estágio anterior de língua de cultura, veículo de expressão do poder romano no ocidente europeu, que há pouco deixara de se chamar latim? Então, de volta ao passado...

Os *Diálogos de São Gregório*

Os *Diálogos de São Gregório* (DSGA) que, como se sabe, integram parte do corpo de análise desta investigação, referem-se, na verdade, à *mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos Diálogos de São Gregório*, das três conhecidas até o presente momento, tendo sido assim denominados por Mattos e Silva, em sua tese para doutoramento em Letras, defendida em 1971 na Universidade de São Paulo, que se encontra ainda hoje inédita.⁶²

No recorte de observação realizado nesse manuscrito, o elenco de sinais de pontuação é um pouco mais restrito do que o observado no *Livro das Aves*, sendo a incidência do ponto, seja seguido de maiúscula, seja de minúscula, a mais representativa no cômputo geral dos dados.

Não obstante algumas representações gráficas bastante curiosas tenham sido reveladas na análise, como a ocorrência de sinais caracteristicamente integrantes de antigos sistemas medievais como a positura [:~], uma correspondência atual Ø só lhe foi atribuída no emprego do [.M], [.m] e [/m], como se pode observar no Quadro 7, a seguir.



Quadro 7: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito DSGA

Sinal no manuscrito	Correspondência atual			Frequência	% relativa	
.	m	∅	m	143/353	40,51	
		,	m	182/353	51,56	
		:	—	M	15/353	4,25
		:	"	M	02/353	0,57
		.	M		08/353	2,27
		:	M		02/353	0,57
		?	M		01/353	0,28
.	M	.	M	233/267	87,26	
		,	m	04/267	1,50	
		,	M	01/267	0,37	
		:	—	M	13/267	4,87
		:	"	M	02/267	0,75
		.	—	M	01/267	0,37
		?	M		03/267	1,12
		∅	m		07/267	2,62
		"	.	M	03/267	1,12
/	m	,	m	06/12	50	
		∅	m	06/12	50	
!	m	,	m	04/07	57,14	
		.	M	01/07	14,29	
		;	m	02/07	28,57	
.	m	,	m	02/02	100	
:-	M	.	M	01/01	100	
:	m	,	m	01/01	100	
Total de ocorrências				643		

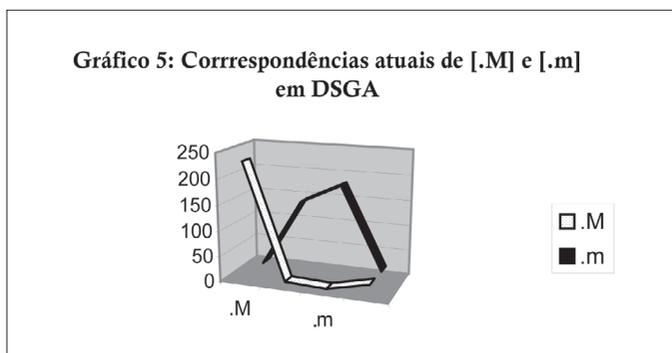
Veja-se o comportamento do ponto. Em apenas 2,62%, ou seja, na proporção de 07 para um total de 267 ocorrências, [.M] teve aplicada uma correspondência atual ∅, enquanto para [.m] essa correspondência tenha atingido os 40,51%, que representam 143 incidências num total de 353.

O gráfico dessas relações, seguinte, é elucidativo.

As curvas de [.M] e [.m] demonstram, como se pode observar, uma eversão bastante acentuada, nomeadamente nas interseções relativas às correspondências atuais [∅m] e [,m].

O ponto seguido de maiúscula é, pois, nesse manuscrito um sinal, cujo uso se aproxima sobremaneira ao adotado na escrita moderna ocidental.

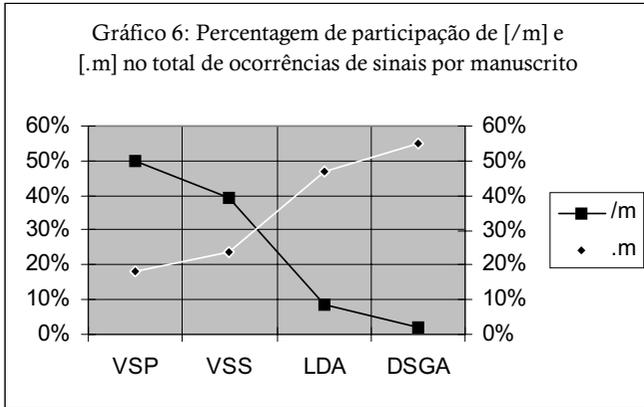




O ponto seguido de minúscula, por seu turno, conquanto apresente uma alta frequência de uso sintático, compartilha-o com uma representação que deveria se apoiar em outra característica que não propriamente lógico-gramatical e que aqui tem tido sua interpretação direcionada para o espectro da língua falada.

Concentrando-se sobre as ocorrências da *virgula suspensiva*, percebe-se que sua incidência é muito mais fugaz nos *Diálogos* do que o observado em VSP, VSS e LDA. Com apenas 12 ocorrências, 6 interpretadas como [,m] e o mesmo número como [Øm] na correspondência atual, num contexto de 643 casos de sinais de pontuação detectados, ou seja, 1,87% do total, a *virgula suspensiva* [/] já parece preconizar seu desuso, enquanto o [,m] pareça conservar a possibilidade de transitar entre uma outra utilização de marcação na escrita, sintática ou prosódica.

Esse uso alternativo não deveria, então, fazer com que a presença de [,m] fosse ampliada proporcionalmente, com vistas a não só continuar marcando os atributos sintáticos do enunciado, mas a preencher o vazio de marcação funcional, de caráter mais prosódico, que a *virgula suspensiva* deixaria de desempenhar? Observe-se o Gráfico 6, a seguir.



Se se pudesse atribuir a cada um dos manuscritos confrontados uma datação que obedecesse à mesma disposição linear em que aparecem no gráfico acima, certamente se poderia dizer que a *virgula suspensiva* [/m] e o ponto seguido de minúscula [.m] teriam aí, respectivamente, representados seu declínio e ascensão de uso no século XIV.

Não se pode perder de vista, ainda, que as duas versões do *Testamento de Afonso II (1214)* já demonstram uma alta incidência do [.m] com correspondência atual Ø e praticamente nenhuma ocorrência de *virgula suspensiva* [/], levando a crer que a história desta em documentos portugueses não teria sido mais extensa do que a do ponto seguido de minúscula para representar os efeitos da língua falada sobre a escrita medieval.

O confronto com as outras duas versões conhecidas, escritas em língua portuguesa, dos *Diálogos de São Gregório*, certamente não produzidas num mesmo *scriptorium*, a versão B (DSGB), que segundo Mattos e Silva (1989:57) “se pode situar (...) entre os fins do século XIV e a primeira metade do século XV”, e a C (DSGC) que “é datada de 1416”, podem melhor direcionar um julgamento. Convém antes esclarecer que essas versões não compunham o conjunto de manuscritos

Serafim da Silva Neto, mas se oferecem à análise apenas como suporte.

O DSGB não apresenta qualquer ocorrência de *virgula suspensiva* [/] como se pode verificar no Quadro 8, a seguir.

Quadro 8: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito DSGB

Sinal no manuscrito	Correspondência atual			Freqüência	%		
.	M	.	M	144/182	79,12		
		,	m	15/182	8,24		
		,	M	01/182	0,56		
		:	—	M	05/182	2,75	
		∅	M	05/182	2,75		
		.	—	M	01/182	0,56	
		:	M	01/182	0,56		
		∅	m	10/182	5,49		
.	m	∅	m	97/152	63,82		
		,	m	48/152	31,58		
		:	—	M	02/152	1,32	
		.	M	03/152	1,97		
		∅	M	01/152	0,66		
.	¶	M	∅	M	01/152	0,66	
			?	M	01/152	0,66	
.	¶	M	.	¶	M	02/05	40
			:	—	M	03/05	60
,	M	.	M	01/02	50		
		:	M	01/02	50		
,	m	.	m	01/02	50		
		:	m	01/02	50		
~	M	.	M	01/01	100		
:	m	∅	m	01/01	100		
;	m	∅	m	01/01	100		
¶	M	:	—	M	01/01	100	
Total de ocorrências				347			

Compõem, entretanto, o inventário de sinais desse manuscrito, além do ponto, a vírgula [,m] e [,M] que já aparece numa forma bastante aproximada da atual, o ponto e vírgula [;m] e os dois pontos com emprego discordante do de hoje, o caldeirão medieval [¶M], precedido ou não do ponto e que não ocorre na versão A (DSGA), e o símbolo [::~] de positura, que também está presente em DSGA e tinha a função de marcar o



final de parágrafo ou fim de texto, indicando que uma seqüência de novos enunciados, para complexão da série, ainda ocorreria, conforme anteriormente se mencionou.

No tocante ao ponto seguido de minúscula [.m], uma percentagem bastante elevada de ocorrências a que se poderia associar um uso irregular ao hoje praticado, ou seja, uma correspondência atual \emptyset , é detectada, suplantando 63% de emprego.

Sua participação no cômputo geral dos sinais que ocorrem no documento não ultrapassa os 43,80%, o que provocaria uma pequena queda, mas ainda assim talvez não tão representativa, na seqüência da curva relativa a esse sinal, apresentada no Gráfico 6, se lhe fosse conjugado esse dado.

O ponto seguido de maiúscula [.M], por sua vez, teve também sua correspondência atual, em mais de 8% do total de sua incidência, associada ao uso \emptyset , se consideradas as mesmas circunstâncias, freqüência maior, portanto, do que a encontrada em DSGA.

Não parece, pois, surpreendente a confirmação da existência de diferenças quanto à utilização da pontuação entre as versões A e B dos *Diálogos*, já que, além de ser uma prática comum nos primeiros documentos desse período da língua um certo grau de liberdade de representação gráfica por parte dos escribas, ambos os manuscritos se tratam de cópias independentes, e que, entre as três versões conhecidas, seria a B a que mais se distanciaria das demais, consoante aos resultados da análise minuciosa, empreendida por Mattos e Silva (1971), comparando as três versões, em sua Tese de Doutorado. Diferenças que antes de invalidar o presente confronto servem como elemento de contraponto para consolidação das análises em curso.

Em DSGB, o ponto seguido de maiúscula [.M] é ainda um sinal de uso fortemente condicionado por razões de ordem lógico-sintática, conformando-se ao que se tem podido observar



nos outros documentos analisados, assim como o ponto seguido por minúscula [.m] mantém, nesse manuscrito, uma alta percentagem de emprego que não se relacionaria aos ditames modernos, corroborando com a noção de que a pontuação medieval representaria, da mesma forma, aspectos diretamente relacionados à língua falada.

Outro ponto que talvez não deva ser obliterado na presente análise e que possa referendar a possibilidade de interferência da língua oral na pontuação medieval refere-se à questão da função que caberia à obra a ser produzida. O historiador português Oliveira Marques (1964:192) ao comentar sobre o trânsito das obras escritas e difusão cultural na sociedade medieval portuguesa, assinala que o

alargamento da cultura através da leitura ficava portanto restrito a uma parte da aristocracia, e ao clero devido à suas instituições de tipo colectivo. O que explica a importância e o favor da transmissão cultural por via auditiva e por tradição oral.

Dessarte, muitos eram os textos cuja produção tinha por objetivo a leitura em voz alta, nomeadamente aqueles destinados à transmissão da moral, das virtudes e dos feitos e milagres de santos que compunham o imaginário religioso da época.

Parkes (1993:76), sobre a produção de textos de cunho litúrgico chega a afirmar:

It has demanded that the punctuation of its texts should provide guidance to those who officiated, and later to the whole congregation, when intoning or reading the texts aloud.⁶³

Nesse sentido, não parece estranho que as versões dos *Diálogos* até aqui analisadas, assim como os documentos VSP, VSS e LDA, que deveriam a princípio ter a função de serem lidas para uma audiência, confirmassem uma pontuação que em alguns momentos não correspondesse à lógica gramatical, mas



insinuasse uma relação mais propriamente atrelada à linguagem oral. Mas como se comporta a pontuação na versão C, quatrocentista (1416), dos *Diálogos de São Gregório*?

Quadro 9: Ocorrências de sinais de pontuação no manuscrito DSGC

Sinal no manuscrito	Correspondência atual			Frequência	%
	.	:	M		
m	∅	m		164/329	49,84
	,	m		147/329	44,68
	.	m		06/329	1,82
	:	—	M	05/329	1,52
	.	M		05/329	1,52
	:	"	M	01/329	0,30
	:	"	m	01/329	0,30
M	.	M		245/275	89,10
	:	—	M	10/275	3,64
	,	m		09/275	3,27
	∅	m		05/275	1,82
	?	M		02/275	0,73
	.	—	M	01/275	0,36
	.	"	M	01/275	0,36
	:	"	M	01/275	0,36
	:	M		01/275	0,36
	.	m		01/275	0,36
/	.	m		127/243	52,26
	∅	m		114/243	46,91
	:	—	M	02/243	0,82
/	.	m		09/21	42,86
	.	M		04/21	19,95
	:	—	M	03/21	14,29
	,	M		02/21	9,52
	∅	m		02/21	14,29
	.	"	M	01/21	4,76
/	.	m		10/20	50
	∅	m		09/20	45
	:	—	M	01/20	5
.	SFT	M		08/12	66,67
	:	M		04/12	33,33
/	M			08/10	80
	:	—	M	02/10	20
/.	M			02/02	100
/	M			02/02	100
..	M			02/02	100
.	SFT	m		02/02	100
.	SFT	.M		01/01	100
SFT	M			01/01	100
:	M			01/01	100
//	M			01/01	100
=	m			01/01	100
Total de ocorrências				923	



Único documento comprovadamente produzido no século XV, dentre os manuscritos integrantes do *corpus* de análise, o DSGC se diferencia, logo *a priori*, pela sua apresentação em coluna única de texto por fólio, diferentemente da diagramação das duas outras versões DSGA e DSGB, assim como de VSP, VSS e LDA, que seguem uma tradição de texto distribuído em duas colunas, igual, todavia, a outros códices alcobacenses, a exemplo dos relativos à *Vida de Santo Aleixo* escritos em português, o códice 36, também produzido no século XV, mais precisamente na mesma data de DSGC, no ano de 1416, e o códice 266, dos meados do século XV.⁶⁴ Sobre aquele, adiante se compreenderá um rápido cotejo com o DSGC.

Essa versão dos *Diálogos* introduz um repertório tão rico de sinais que parece representar um marco de mudança de comportamento face ao emprego da pontuação na escrita da Idade Média portuguesa, como se pode observar no Quadro 9, antes apresentado.

Os sinais de fim de texto (SFT), ausentes no recorte de análise dos outros manuscritos⁶⁵, são utilizados com uma certa frequência em DSGC.

Formados basicamente por pontos e linhas que se repetiam a depender do espaço de que dispusesse o escriba, podiam também apresentar configurações mais complexas de traçados convergentes sobre um eixo imaginário ou mesmo muito parecidas com a representação de folhas de árvores.

Sobre esses sinais Martins (1996:38) afirma que

Cronologicamente e em termos comparativos, podemos constatar que, os sinais utilizados durante o século XIV sofrem uma profunda alteração na sua morfologia ao longo do século XV, com arranque desde fins do XIV.⁶⁶

Essa assertiva poderia vir a sustentar uma tendência de mudança de comportamento no ato de pontuar a partir desse período.



O caldeirão medieval não mais é detectado, deixando à letra maiúscula, nomeadamente às *litterae notabiliores*, letras de fonte bem maior do que as do corpo do texto, a indicação de início de parágrafo ou período.

Curiosamente, é em DSGC que aparece pela primeira vez em todo o *corpus* a representação [√] que, segundo Parkes (1993:307) “was used by Humanist writers of the fourteenth century to indicate disjunction greater than that indicated by / and less than that indicated by ! ”.⁶⁷

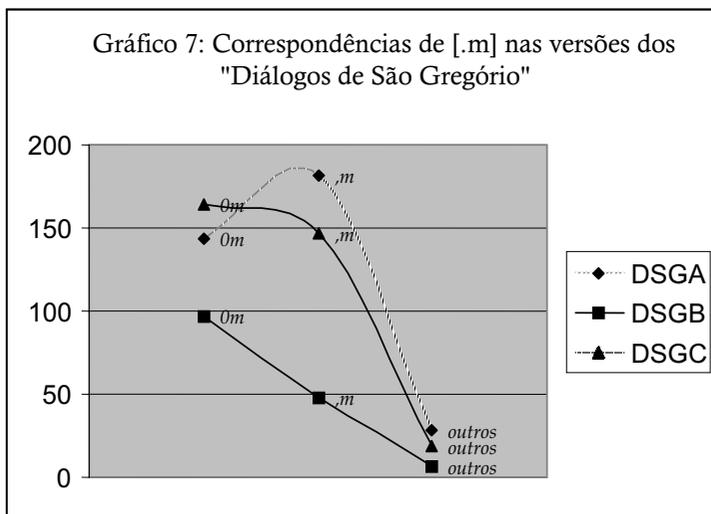
Esse sinal também denominado por Parkes (1993) de *virgula suspensiva* parece sugerir uma provável evolução gráfica do sinal [/] que anteriormente a representava, perseguindo uma especialização de uso, relacionada a uma disjunção intermediária entre os dois outros sinais anteriormente mencionados.

Observe-se que em 45% de sua ocorrência foi-lhe atribuída uma correspondência atual Ø, conquanto pudesse também funcionar dentro dos paradigmas atribuídos hoje ao emprego da vírgula moderna em exatamente 50% dos casos. Há, entretanto, duas ocorrências da forma anterior da *virgula suspensiva* [/], que contrariamente ao que ocorre em DSGB ainda não desaparecera totalmente.

O ponto seguido de minúscula [.m] continua apresentando uma elevada utilização de caráter lógico-sintático, ou seja, em 50,16% das ocorrências teve seu uso associado à vírgula ou a outros sinais contemporâneos. Sua correspondência atual Ø é, contudo, ainda bastante representativa, aproximando-se dos 50%.

Confrontando-se, então, a pontuação das três versões dos *Diálogos de São Gregório* obtém-se uma representação gráfica bastante curiosa do comportamento de cada um desses manuscritos:





No tocante a comportamento das curvas relativas ao emprego desse sinal, as versões A e C confirmariam sua maior proximidade em relação às origens de produção, enquanto a versão B se distanciaria um pouco mais das outras duas. Entretanto, B e C demonstram uma utilização de [.m] mais relacionada a características não lógico-gramaticais do que o manuscrito A, cuja correspondência atual à vírgula moderna supera o emprego que aqui se tem definido em linhas gerais como prosódico.

O ponto seguido de maiúscula [.M], em apenas 1,82% das incidências, teve o seu uso dissociado dos padrões atuais, o que parece corresponder à média desse comportamento nos outros manuscritos à exceção do DSGB que chegou a atingir os 8%. Se representadas graficamente, as três versões teriam em relação ao [.M], então, a seguinte conformação:



Mais uma vez, consoante aos resultados da análise da pontuação, as cópias A e C confirmariam estar muito mais estreitamente relacionadas que a versão B dos *Diálogos*, não pelo resultado absoluto de ocorrências, mas pelo proporção explicitada nas correspondências [ØM], [Øm] e outros sinais, em que B ultrapassa ou se iguala às duas outras versões.

Um dado curioso, entretanto, se relaciona à versão C dos *Diálogos de São Gregório* (DSGC), que como se sabe é proveniente do mosteiro português de Santa Maria da Alcobça, de onde também é originário o códice 36, sobre a *Vida de Santo Aleixo*, a que anteriormente se aludiu: ambos os manuscritos, além de terem sido produzidos no mesmo *scriptorium*, foram redigidos por uma mesma mão, a de F. Estevão Annes, já que se registra esse dado no final do códice, como aponta Mattos e Silva (1971:I-20).

Relevante, portanto, seria se proceder, em um momento oportuno, ao cotejo entre os dois manuscritos para se verificar que resultados produziria essa comparação em relação à utilização da pontuação.

Mattos e Silva (1993a) já havia levantado a questão de se um mesmo centro de produção poderia impor diferentes orientações no uso da pontuação. Ao comparar os códices 36 e o

266 da *Vida de Santo Aleixo*, conclui que, ao menos em relação a esses manuscritos, não se poderia sustentar a “hipótese de que centros de produção de mss. teriam orientações constantes na sistemática de escrita utilizada” (1993a:84).

Embora não componha o *corpus* investigado, uma rápida incursão ao códice 36 da *Vida de Santo Aleixo* tornou-se, entretanto, estimulante.

Sem a base de uma quantificação de dados e de um trabalho minucioso como o realizado com os outros manuscritos, a primeira impressão que se tem ao se observarem os fac-símiles desse documento, em confronto aos *Diálogos de São Gregório*, versão C (DSGC), é que o repertório de sinais não parece ser tão vasto quanto o apresentado neste, conquanto os sinais detectados na *Vida de Santo Aleixo* integrem o repertório encontrado em DSGC. Observe-se que além do ponto foram, nessa leitura, identificados uma variante do *punctus elevatus* [./], o sinal [/], caracteristicamente utilizado por escribas humanistas⁶⁸ e sinais de fim de texto (SFT), os dois últimos detectados apenas em DSGC. Ademais, o caldeirão também não está presente no códice 36, como ocorreu em DSGC. Como qualquer julgamento seria precipitado, resta a um outro trabalho uma melhor avaliação sobre a questão.

Entrementes, os resultados finais parecem referendar um comportamento global bastante coerente na utilização da pontuação, não apenas entre as versões de um mesmo texto, mas entre todos os documentos de um mesmo período da língua, onde apenas as variantes, próprias a qualquer fenômeno lingüístico, fizeram com que o quadro comparativo entre os manuscritos exibisse pequenas alterações de uso.

O ponto seguido de maiúscula [.M] é hegemonicamente um sinal lógico-gramatical, obedecendo aos mesmos condicionamentos de uso moderno, enquanto o ponto seguido com minúscula [.m] parece poder vacilar entre o emprego sintático



da vírgula ou sinais de mesma ordem atuais, que se podem observar nos quadros correspondentes, e a representação de características eminentemente prosódicas impostas pela linguagem oral. Os exemplos apresentados nas conclusões deste trabalho talvez possam melhor sustentar esse ponto de vista.

É mais uma jornada.

⁵⁰ Trad.: “usada para marcar a pausa mais breve ou hesitação num texto”.

⁵¹ Trad.: “em algumas cópias dos séculos XIV, XV e XVI, poderia ser usada para todas as pausas, exceto para a pausa final”.

⁵² Cf. o Capítulo V deste trabalho, *Constituição do corpus*.

⁵³ Trad.: “semiponto (...) que se coloca ao final de uma linha para indicar que a palavra continua na linha seguinte”.

⁵⁴ Trad.: “O repertório geral da pontuação desenvolveu-se de uma amalgamação progressiva de elementos extraídos de diferentes sistemas anteriores de pontuação e alargado por outros sistemas especializados que apareceram durante a Idade Média”.

⁵⁵ Trad.: “no final de um parágrafo numa séries de parágrafos ou textos (...) para indicar que alguma seqüência deveria ser esperada para completar essa série”.

⁵⁶ Conforme anteriormente se relatou sobre a versão de Toledo (TAT).

⁵⁷ Trad.: “o *punctus* (ponto) torna-se a marca de pontuação mais comum”.

⁵⁸ Trad.: “para indicar todo tipo de pausa, para introduzir trechos e para separar”.

⁵⁹ Trad.: “*virgula suspensiva* transformou-se num sinal de pontuação quase tão comum quanto o *punctus* (ponto).”

⁶⁰ Trad.: “sobreposições de funções da *virgula suspensiva* e do *punctus*, esses sinais podiam ser usados reciprocamente.”

⁶¹ Trad.: “A utilização do presente para explicar o passado depende, pois, não apenas de novos métodos e novos dados, mas também da identificação de pontos de contato e similaridade entre o presente e o passado que pudessem justificar a aplicação de novos dados”.

⁶² Embora exista um contrato para sua publicação pelo IN-CM, de Portugal, desde 1983.

⁶³ Trad.: “Exigiu-se que a pontuação desses textos deveria orientar aqueles que oficiavam e depois toda a congregação quando entoasse ou lesse os textos em voz alta.”

⁶⁴ Cf. Allen Jr. (1953:01).

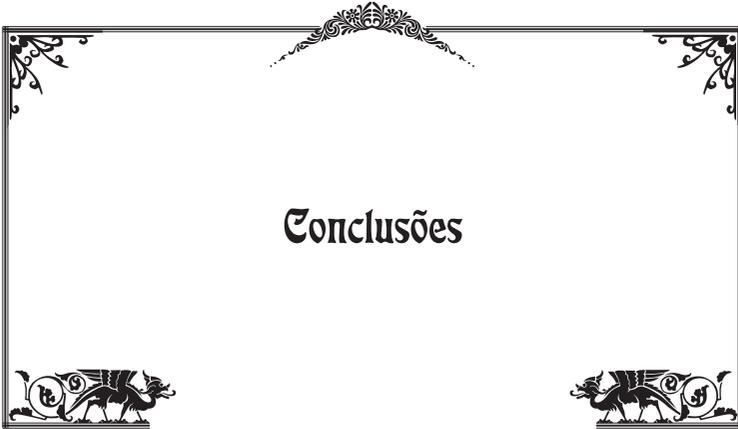
⁶⁵ Note-se que os símbolos [./], [//], [:.], [::~] detectados, respectivamente, em VSS; DSGC e LDA; VSS e LDA; DSGA e DSGB, foram interpretados neste trabalho como sinais funcionais de pontuação e não como ornamentos gráficos introduzidos pelos escribas para melhor composição da mancha de texto, a que se atribui aqui o termo SFT.

⁶⁶ Mantiveram-se a pontuação e grafia originais.

⁶⁷ Trad.: “usada por escritores humanistas do século XIV para indicar uma disjunção maior do que a representada pelo sinal / (*virgula suspensiva*) e menor do que a indicada pelo (*punctus elevatus*).”

⁶⁸ Cf. nota anterior.





Conclusões

Os dados anteriormente analisados revelaram que a pontuação medieval em documentos portugueses exibia, em suma, uma sistemática bastante regular no uso do ponto seguido de maiúscula [.M], apresentava um espólio de sinais de diferentes sistemas antigos, que a tradição ao culto latino fizera perpetuar, e parecia transitar, segundo a hipótese aqui defendida, entre uma utilização lógico-gramatical e um emprego provavelmente apoiado em características da língua falada.

Conclusões ditadas pela quantificação percentual de ocorrências, que procuraram traduzir os fenômenos da linguagem humana em dados estatísticos, em que os números assumem um papel extremamente relevante para a interpretação dos fenômenos lingüísticos.

Mas os exemplos da linguagem escrita falam por si.

Veja-se esse pequeno trecho extraído da cópia do *Testamento de Afonso II (1214)* que hoje se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁶⁹:

a t(er)ceira o arcebispo de Toledo . a q(ua)rta / o bispo do Portu . a q(ui)nta / o de Lixbona . a sexta / o de Coĩb(ri)a . a septima / o d'Evora

. a octaua /o de Uiseu . a nouea /o maestre do Têplo . a dezima /o p(ri)or do Espital .

Ou o mesmo trecho da versão encontrada na Catedral de Toledo, na Espanha, na década de 70⁷⁰:

a terceira o arcebispo d(e) Toledo . a quarta /o bispo do Porto . a q(ui)nta /o d(e) Lisbona . a sex(ta) /o d(e) Coïbra . a septima /o d'Euora . a octaua /o d(e) Uiseu . a nona /o maestre do Têplo . a d(e)cima /o p(ri)or do Espital .

Haveria aí, transmutados esses sinais para uma correspondência simbólica moderna, algo de ilógico ou gramaticalmente incoerente do ponto de vista do encadeamento dos elementos frasais, no comportamento do ponto seguido de minúscula [.m] e do *punctus elevatus* [/] nos dois manuscritos?

Observe-se, então, o seguinte exemplo retirado da versão B dos *Diálogos de São Gregório* (DSGB)⁷¹, fôlio 20-2e, entre as linhas 14 e 25, consoante à numeração adotada para este trabalho:

(...). E el
iazēdo dormído muy
alta noyte. ho ãmij
go antigo começou
abraadar e dar grã
des vozes. bramỹdo
como leõ. berregãdo
como boy. azurrãdo
como asno. assuviãdo
como *serpēte*. e ferindo
os dentes como ratas
E entõ o *sancto bispo* Dacio

Senão pelo lapso de um ponto após a última palavra da seqüência *ratas*, que no texto é seguida de letra maiúscula na



outra linha, não se poderia, prontamente, ao se substituir o ponto seguido de minúscula [.m] por uma vírgula moderna, interpretar a pontuação como bastante coerente ao paradigma atualmente adotado?

No fólio 62-1, nas linhas 11 e 12 da versão C dos *Diálogos de São Gregório* (DSGC) lê-se com clareza a marcação, por sinais de pontuação, de um aposto na sentença, que coaduna plenamente com a adotada pela prescrição moderna.

E o nobre homẽ. marido da boa dõna. de pois *que* esto entendeo ./
 euyou o caualo ao sãcto homẽ.

Mas como se pôde observar no cômputo geral dos dados, não seria incomum encontrar segmentos de texto em que a lógica atual refutaria a pontuação dos manuscritos arcaicos incondicionalmente, se lhe fosse atribuída uma interpretação exclusivamente conduzida sob a ótica da sintaxe contemporânea.

Observe-se o trecho abaixo extraído das linhas 19 a 22, do fólio 1r2⁷² da [Vida de Santa Pelágia]:

E ela disse. se eu bẽ catar mha cõci-
 encia nõ acharey nẽ hũa carreyra de bóa obra
 en m̃j. ca os *meus* pecados son *per* cõto / mais / *que* as
 arẽas do mar. e *chus* pesados.

Ou das linhas 08 a 11, do fólio 3r2 da [Vida de São Simeão]:

Mais o *que quis*er séer
 fornigador e cobijçoso. séera metudo nas
 tréuras *postrimeyra*. Alj hu e / choro / e estrẽ-
 gimẽto de dentes.

Uma primeira leitura dos trechos acima poderia de fato denunciar uma pontuação em parte incoerente, em que se poderiam notar a utilização abusiva de sinais, como o da *virgula*



suspensiva [/], isolando vocábulos que a princípio deveriam integrar o fluxo sintático do enunciado, em “per cõto / mais / que”, no primeiro exemplo, e “hu e / choro / e estrẽ-gimẽto de dentes”, no segundo, ou mesmo a separação do sujeito do predicado pelo ponto seguido de minúscula [.m], como em Mais o *que quisser* séer fornigador e cobijçoso . séera metudo nas”.

Nas linhas 15 a 17, da coluna XI⁷³, do *Livro das Aves*, surgem outros exemplos de falta de correspondência com a sintaxe moderna, logo na primeira linha do fragmento em que “ha” e “pena” aparecem separados por um ponto, assim como “pode” e “alçar”:

A Ema he hũa aue . *que* por *que* ha . pena
pouca e o corpo *grande* . nõ se pode . per
uoar alçar muyto de terra . (...)

Talvez por alguns exemplos como esses — que todavia não são poucos, tenha sido a pontuação medieval até hoje compreendida, por aqueles que lidam com manuscritos desse período, como assistemática ou mesmo indiligente.

Parece, contudo, difícil se conceber que, na qualidade de recurso auxiliar de marcação da escrita bastante produtivo, já que se encontra com muita frequência nos documentos manuscritos da Idade Média, a pontuação dessa época não tivesse o seu caráter associado a um paradigma funcional bastante claro para quem a utilizasse no processo da escrita naquela altura, que, infelizmente, só a partir de inferências centradas nos poucos registros sobreviventes aos duros efeitos do tempo pode ser parcialmente hoje recuperado.

Contrapondo-se de certa forma à idéia bastante difundida de liberdade dos copistas medievais face aos textos que produziam, o historiador português Oliveira Marques (1964:186) afirma que os “padrões estavam à vista para serem copiados, não



adulterados pelos noveis escribas!” E não estaria, também, a pontuação aí incluída? Não seria de se esperar que existisse um padrão condutor para sua utilização?

Dias (1987:ix) afirma ao procurar defender a manutenção da pontuação original em trabalhos de edição de textos antigos:

Quanto à pontuação original, a actualização no uso de pontos, vírgulas e outros sinais pode igualmente alterar modos de pensamento e de expressão, modificando, com escasso proveito, toda uma sintaxe que o historiador das mentalidades venha a considerar chave para a compreensão da época.

Parece, pois, denunciar o autor a possibilidade de existência de uma sintaxe que subjazesse aos modos de pensar de uma época e que pudesse de certa forma ser marcada pela pontuação, cujas mudanças operadas no decurso histórico tivessem dificultado sua inteligibilidade nos tempos atuais.

Sem desconsiderar esse raciocínio, o que se perseguiu, sobretudo, demonstrar, neste trabalho, foi a possibilidade de a pontuação medieval refletir, concomitantemente às características sintáticas, que certamente eram já adotadas naquele período, como se pôde verificar através da quantificação dos dados anteriormente apresentados, aspectos prosódicos que a língua oral deveria mais fortemente requerer no ato de notação da escrita, que deveria, ademais, possibilitar a condução de leituras em voz alta para uma audiência em geral analfabeta.

Note-se a pontuação do pequeno trecho extraído do fólio 2r1, linhas 7 a 9, da [Vida de Santa Pelágia], abaixo.

(...) . E tanto *que* chamey abrio-
mj / e logo tanto *queme* uyo / conhoceume .
pero ela / nõximj *quís* fazer / conhocer . (...)



Conquanto se possa atribuir ao ponto seguido de minúscula [.m] a função de uma vírgula atual, à *virgula suspensiva* [/m] não se poderia, nomeadamente na seqüência das palavras “ela” e “fazer”, propor uma correspondência lógico-gramatical direta com o que hoje se estabelece para tais situações.

Entretanto, se interpretada como sinalizadora de pausa ou mesmo como elemento marcador de alguma ênfase sobre as porções de texto sobre as quais incide, especialmente se conjecturado o ato de uma leitura em voz alta, a *virgula suspensiva* [/] não pareceria tão impropriamente utilizada.

Na segunda coluna do fólio 119r2, linhas 30 a 32, da versão A dos *Diálogos de São Gregório* (DSGA), manuscrito Serafim da Silva Neto, lê-se:

(...) . E quando foi a noite meyada . el
iazêdo espreto e cõ gram medo porque nõ a
uia derredor poboado. meteu (...)

Embora sujeito (el) e predicado (meteu) apareçam, no trecho acima, separados pelo ponto seguido de minúscula [.m], se se propusesse sua transdição, isto é, se se procurasse empreender sua leitura para uma audiência, muito certamente se poderia seguir a indicação dos sinais de pontuação aí propostos, sem prejuízo ao encadeamento prosódico do enunciado. São diversos os exemplos de mesma ordem nos manuscritos focalizados.

São esses, portanto, alguns muito poucos exemplos do que foi avaliado estatisticamente no *corpus* de trabalho e devidamente apresentados anteriormente. Ocorrências que se por um lado confirmavam uma tendência lógico-gramatical de uso por outro a desabonavam, fazendo com que se a direcionasse para uma interpretação associada ao espectro da língua falada.

No longo processo de leitura dos manuscritos se pôde claramente perceber a relação que a pontuação parecia, embora parcialmente, manter com alguns aspectos próprios da oralidade,



que, certamente, restaria no âmbito do mero impressionismo pessoal se não intervissem os dados a seu favor.

Ademais, a avaliação do fenômeno demonstrou “contextos possíveis” ou “lugares potenciais de pontuação” —, para se servir mais uma vez da reflexão e da terminologia de Martins (1986:263), onde se poderia esperar pela ocorrência de sinais de pontuação.

De fato, contextos específicos pareciam favorecer de certa forma o ato de pontuar medieval.

Para se ter um exemplo, o “e” aditivo é antecedido por sinais de pontuação em 1296 do total de 3737 ocorrências no *corpus* analisado, ou seja, quase 35% dos casos. Com frequência bem menos representativa, mas não desprezível, algumas conjunções⁷⁴ como o “ca”, “mais”, “que” e “quando”, os advérbios “assi”, “como”, “quando” e as preposições “per”, “por” e “en”, entre outros de menor incidência, também se oferecessem a uma interpretação de elementos favorecedores de ocorrência de sinais de pontuação.

Na condição de conectivos ou encadeadores de enunciados, esses elementos parecem, mesmo hoje, reclamar no texto uma delimitação formal de fronteira, quiçá por razões de ordem discursiva, que na escrita seria representada pelos sinais de pontuação e sobre as quais caberia uma abordagem científica com outro enfoque.

Embora não se possa colocar um “ponto final” sobre o assunto, deve-se reconhecer, com base na apresentação precedente dos resultados da análise, que ao uso da pontuação medieval não se pode atribuir um caráter assistemático nem mesmo arbitrário e desordenado, condicionado exclusivamente pela subjetividade dos escribas que a utilizavam.

A pontuação medieval fartamente registrada em manuscritos portugueses é, assim como outros fenômenos lingüísticos, um importante dado para a reconstituição histórica de um



importante momento na trajetória da língua portuguesa, na condição de elemento capaz de refletir aspectos de ambas as modalidades da língua, a oral e a escrita.

Nesse sentido, parece relevante que se reconheça essa importância no processo de preparação de transcrição de textos antigos, para que não se cometam os mesmos equívocos de se negar à posteridade o acesso a elementos relevantes que uma língua pôde ainda residualmente exibir, mesmo depois que muitos de seus falantes já se encontravam além de um mar, sobre o qual nem se sonhava, ainda naquela época, navegar.

⁶⁹ Utiliza-se aqui a leitura apresentada em CASTRO (1991:202), com a aposição dos sinais de pontuação a partir da leitura direta no manuscrito em questão, colocada em destaque.

⁷⁰ *Idem. Ibidem.*

⁷¹ A transcrição aqui apresentada procura obedecer aos mesmos critérios estabelecidos para a [Vida de Santa Pelágia] e a [Vida de São Simeão].

⁷² O número ao fôlio; “r” significa reto; em oposição a “v” que corresponde a verso; o número seguinte a “r” ou “v” refere-se à coluna.

⁷³ Obedece-se à mesma numeração, por colunas, conforme apresentada em ROSSI *et alii* (1965).

⁷⁴ Emprega-se aqui a grafia mais comumente encontrada no *corpus* de trabalho.





Referências bibliográficas

- ACIOLI, Vera L. (1994). *A Escrita no Brasil Colônia: Um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFPE.
- ALLEN Jr., Joseph (1953). *Two old portuguese versions of the life of saint Alexis: Codices alcobacenses 36 and 266*. Urbana: The University of Illinois Press.
- ATTWATER, Donald. (1965). *The Penguin dictionary os saints*. Great Britain: Penguin Books.
- BAGNO, Marcos (1999). *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.
- BARROS, João de (1971[1540]). *Gramática da língua portuguesa*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa. Reprodução facsimilada, leitura e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- BENVENISTE, E. (1968). Mutations of linguistic categories. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 85-94.

- BERGSTRÖM, M. e REIS, Neves (1990). *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias.
- BERWANGER, Ana M. e LEAL, J. (1995). *Noções de paleografia e diplomática*. Santa Maria: Editora da UFSM. p. 65-66.
- BISCHOFF, Bernhard (1993). *Paléographie de l'antiquité romaine et du moyen âge occidental*. Traduit par Hartmut Atsma et Jean Vezin. Paris: Grands Manuels Picard. p. 187-191.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso (1956). *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio de Janeiro: MEC/ Casa de Rui Barbosa.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso (1986). *Manual de expressão oral e escrita*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso (1990). *História da lingüística*. Trad. Maria do Amparo B. de Azevedo. Petrópolis: Vozes.
- CASTRO, Ivo *et alii* (1985). *Vida de santos de um manuscrito alcobacense*. Lisboa: INIC.
- CASTRO, Ivo e RAMOS, Ana M. (1986). Estratégia e tática da transcrição. *Critique textuelle Portugaise*. Actes du Colloque (Paris, 20-24 octobre 1981). Paris, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 99-122.
- CASTRO, Ivo *et alii* (1991). *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta. v. I.
- CATACH, N. (1973). Notions actuelles d'histoire de l'orthographe. *Langue Française*, n. 20, p. 11-18.
- CATACH, N. (1980a). Présentation. *Langue Française*, n. 45, p. 03-07.
- CATACH, N. (1980b). La Ponctuation. *Langue Française*, n. 45, p. 16-27



- CATACH, N. (1994). *La Ponctuation (Histoire et système)*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CATACH, N. (1996a) Apresentação. In: (Idem) (Org.) *Para uma teoria da língua escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática. p. 05-20.
- CATACH, N. (1996b) A Escrita enquanto plurissistema, ou teoria de L' (L Linha). In: (Idem) (Org.). *Para uma teoria da língua escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática. p. 244-261.
- CHACON, Lourenço (1997). A pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. *D.E.L.T.A.* v. 13, n. 1, p. 1-16.
- CHACON, Lourenço (1998). *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 295p.
- CINTRA, L. F. L. (1963). Observations sur l'ortographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle. *Revue de Linguistique Romane*, XXVII, p. 40-58.
- COSTA, Maria Rosa (1991). *A pontuação*. Porto: Porto Editora.
- COSTA, Padre Avelino de Jesus da (1979). Os Mais antigos documentos escritos em português. *Revista Portuguesa de História*. XVII: 263-340.
- CUNHA, Antônio G. (1997). *Dicionário etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa*. 8^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DAIN, A. (1975). *Les Manuscrits*. Paris: Societé d'Édition "Les Belles-Lettres".
- DEBORDES, Françoise. (1996). A pretensa confusão entre o escrito e o oral nas teorias da antiguidade. *Para uma teoria da*



língua escrita. Trad. Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática. p. 23-29.

DIAS, João J. et alii (1987). *Álbum de paleografia*. Lisboa: Editorial Estampa.

DUBOIS, Jean et alii (1986). *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix.

FERREIRA, José de Azevedo (1987). *Afonso X. Foro real*. Lisboa: INIC. v. I, p. 339-360.

GÂNDAVO, Pero M. (1981[1574]). *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*. Edição fac-similada da 1ª edição. Lisboa: Biblioteca Nacional.

GENOUVRIER, Emile e PEYTARD, Jean. (1985). *Lingüística e ensino do português*. Trad. Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina.

GLEASON Jr., H. A. (1985). *Introdução à linguística descritiva*. Trad. João Pinguelo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 449-463.

GRUAZ, C. (1980). Recherches historiques et actuelles sur la ponctuation. *Langue Française*, n. 45, p. 08-15.

HOLANDA, A. Buarque de (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HOUAISS, Antônio (1983). *Elementos de bibliologia*. São Paulo: HUCITEC. p. 90-97.

HUBER, J. (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa: Gulbenkian.

KATO, Mary (1986). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática.

KOCH, Ingedore G.(1997). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.



- LABOV, William (1994). *Principles of linguistic change: Internal factors*. v. I. Cambridge: Blackwell.
- LAPA, M. R. (1975). *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- LAUSBERG, Heinrich (1972). *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEÃO, Duarte N. (1983[1576]). *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: IN-CM .
- LIGHTFOOT, David. (1999). *The Development of language: Acquisition, change, and evolution*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- LORENCEAU, Annette. (1980) La ponctuation chez les écrivains d'aujourd'hui: Résultats d'une enquête. *Langue Française*, n. 45. p. 88-97.
- LYONS, John. (1982). *Linguagem e lingüística*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MACHADO FILHO, Américo (2003) *Um Flos Sanctorum do Século XIV: edições, glossário e estudo lingüístico*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Tese de Doutorado
- MACHADO FILHO, Américo et alii (1998). Inventário de diferenças entre os manuscritos conhecidos do Testamento de Afonso II, de 1214. *Hyperion*. Salvador: Edufba. p. 65-84.
- MARCHELLO-NIZIA, Cristiane (1978). Punctuations 'et unités de lectures' dans les manuscrits medievax ou: je ponctue, tu lis, il théorise. *Langue Française*, n. 40, p. 32-44.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1964). *A Sociedade Medieval portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.



MARTINS, Ana Maria (1986). Aspectos da pontuação num manuscrito medieval português. *Critique et Édition de Textes*. Actes du XVII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Aix-en-Provence, 29 août - 3 septembre 1983). v. 9, p. 255-266.

MARTINS, Maria Rosa H. de M. (1996). *Os sinais de fim de texto nos documentos portugueses dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Tese de mestr. Paleografia e Diplomática.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 4 vol. Mimeo. Tese de doutoramento inédita.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1989). *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM. 870p.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1991). *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1993a). O que nos diz sobre a sintaxe a pontuação de manuscritos medievais portugueses. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n. 14, p. 75-85.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1993b). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. Salvador: Edufba.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1993c). Diálogos de São Gregório. In: LANCINI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (orgs.) *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa* Lisboa: Caminho. p. 215-16.

MATTOS E SILVA, Rosa V. (1994). Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.* v. 10 (n^o especial), p. 247-276.



- MILLARES CARLO, Agustín (1929). *Paleografía española: Ensaio de uma historia de la escritura en España desde el siglo VIII al XVII*. Barcelona: Editorial Labor. p. 289-294.
- NÚÑEZ CONTRERAS, Luis (1994). *Manual de paleografía: Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Catedra. p. 159-167.
- PARKES, M. B. (1993). *Pause and effect: An Introduction to the history of punctuation in the west*. Berkeley: University of California Press.
- PERROT, Jean (1980). Punctuation et fonctions linguistique. *Langue Française*, n. 45. p. 67-76.
- PINTZUK, Susan (1988). *VARBRUL programs*. Mimeo.
- PROU, Maurice. (1910). *Manuel de paléographie: Latine et française*. Paris: Librairie Alphonse Ricard et Fils. p. 279-301.
- REY-DEBOVE, Josette (1996). À Procura da distinção oral/escrito. In: CATACH, N. (Org.) (1996) *Para uma teoria da língua escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática. p. 76-90.
- ROCHA, Iúta V. (1997). Sistema de pontuação na escrita ocidental; uma retrospectiva. *D.E.L.T.A.* v. 13, n. 1, p. 83-118.
- ROCHA, Iúta V. (1998). Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação. *D.E.L.T.A.* v. 14, n. 1, p. 01-12.
- ROSA, Maria Carlota A. P. (1994). *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras. v. 2. Mimeo.
- ROUDIL, Jean. (1978). Édition de texte, analyse tectuelle et ponctuation (Brèves réflexions sur les écrits en prose). *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n. 3. p. 269-299.



- ROSSI, N. *et alii*. (1965). *Livro das Aves. Edição crítica, introdução e glossário*. Rio de Janeiro: INL.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1978). Ensaio sobre a origem das línguas. In: *Rousseau; Os Pensadores*. Trad. Lourdes Santoso Machado. São Paulo: Abril Cultural. p. 159-199.
- SAID ALI, M. (1964). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- SEVILHA, S. Isidoro de (1982) *Etimologías*. v. I. texto latino, version española y notas por Jose Oroz Reta y Manuel A. Marcos Casquero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- SILVA, Fernando. (1984). *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Barreira.
- SILVA NETO, S. (1956). *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.
- SPINA, Segismundo (1977). *Introdução à edótica: (Crítica textual)*. São Paulo: Cultrix.
- TARALLO, Fernando (1990). *Tempos lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática.
- TEYSSIER, P. (1984). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (1978). Punctuation. 15th edition, vol. 15. p. 274-277.
- TOURNIER, Claude (1980). Histoire des idées sur la ponctuation des débuts de l'imprimerie à nos jours. *Langue Française*, n. 45, p. 28-40.
- VANOYE, Francis (1996). *Usos da linguagem: Problemas e técnicas na produção oral e escrita*. Trad. e adapt. Clarice Madureira sabóia. São Paulo: Martins Fontes. p. 39-43.



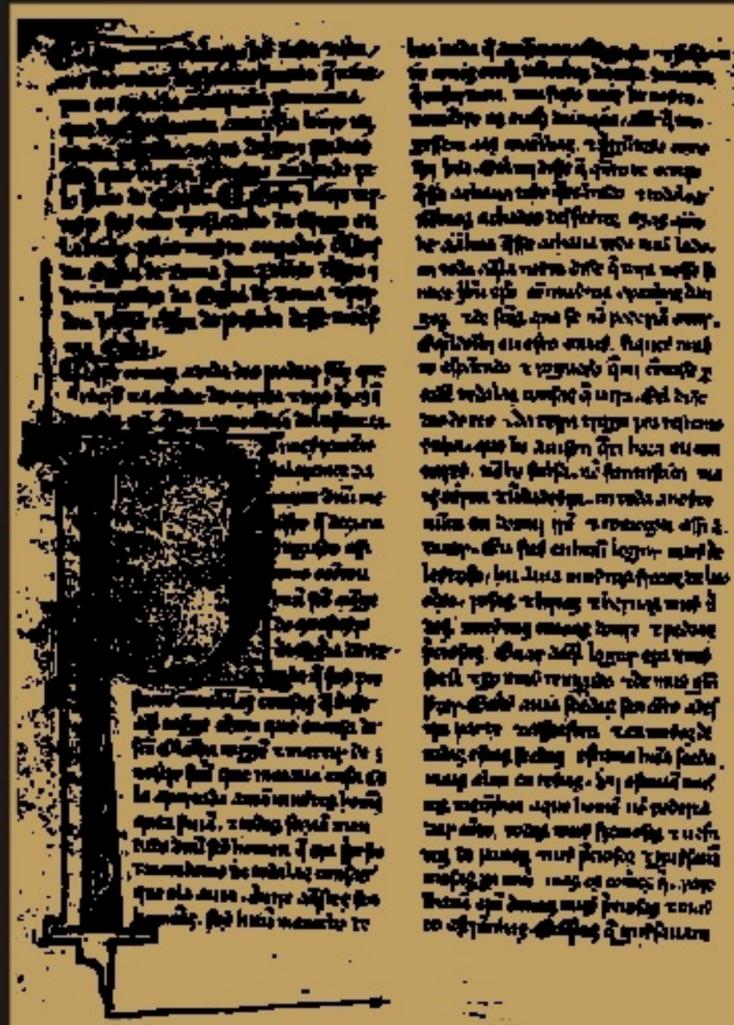
VEDENINA, L. G. (1980). La Triple fonction de la ponctuation dans la phrase: Syntaxique communicative et sémantique. *Langue Française*, n. 45. p. 60-66.

VITERBO, Fr. Joaquim de S. Rosa (1984). *Elucidário das palavras, termos e frases (...)*. Edição Crítica baseada nos originais de Viterbo por Mário Fiúza. Porto: Livraria Civilização.





Este livro foi publicado no formato 15x21 cm
Com as fontes *Calisto MT* no corpo do texto e *EckmannD* nos títulos
Miolo em papel 75 g/m²
Tiragem 500 exemplares
Impresso no setor de reprografia da EDUFBA
Impressão de capa e acabamento: Cartograf



Prêmio anpoll 2002 de Lingüística - Menção Honrosa

ISBN 85-232-0321-4



9 788523 203214